

# ENSAIOS SOBRE QUESTÕES ESPÍRITAS

Claudio C. Conti  
[www.ccconti.com](http://www.ccconti.com)

**Sumário**

PREFÁCIO.....	3
CAPÍTULO I - O Pentateuco .....	5
CAPÍTULO II - Deus .....	11
CAPÍTULO III - Mundo dos espíritos .....	16
CAPÍTULO IV - Entendendo o mundo espiritual.....	22
CAPÍTULO V - Fluido.....	28
CAPÍTULO VI – O que somos nós?.....	35
CAPÍTULO VII - Expição, punição, reajuste.....	39
CAPÍTULO VIII - O Perispírito.....	46
CAPÍTULO IX - Manifestações físicas.....	50
CAPÍTULO X - O Passado .....	57
CAPÍTULO XI - Pensamento.....	61
CAPÍTULO XII - Ação do pensamento .....	68
CAPÍTULO XIII - Perispírito e saúde.....	71
CAPÍTULO XIV - Conduta .....	76

## PREFÁCIO

Estamos diante de um mundo em que os fatos e a informação são transmitidos com tamanha velocidade que não temos tempo para absorver tudo, algumas coisas são positivas outras nem tanto.

Diante desta chuva que cai sobre nossas mentes, nos vemos, muitas vezes, atordoados, sem tempo para pensar. Por este motivo, precisamos ter em mente a constante necessidade de analisar toda e qualquer informação que chega até nós, seja sobre que assunto for.

Tendemos a nos considerar incapazes de elaborar ou questionar um pensamento, mas devemos lembrar que somos espíritos imortais. Pode até ser que nesta encarnação nos encontremos em condição humilde, sem muito conhecimento e estudo, porém, muito vale as nossas aquisições de séculos e séculos de existência como espíritos.

É difícil imaginar que, talvez, estávamos presentes durante a época em que Jesus esteve entre nós, imaginar que talvez tenhamos tomado parte em muitas das festas realizadas, festas estas que se utilizavam os cristãos para o entretenimento de outras pessoas, contudo, é bem possível que estivéssemos lá, seja na arena ou na platéia.

Durante os séculos que se seguiram, viajando entre os dois planos, indo e vindo, vimos à inquisição, como perseguidos ou como perseguidores.

Estivemos presentes na época dos grandes reinados, como reis, rainhas ou como escravos, mas lá estivemos.

Presenciamos as duas grandes guerras, seja como combatente ou combatido.

Choramos e rimos com toda a intensidade. Praticamos o bem, assim como nos abstivemos de praticá-lo.

Nossa jornada é muito longa, parafraseando André Luiz ao dizer que desde que o espírito se exprimiu na Terra como mônada celeste até ter se levantado nos primórdios da idade da razão, foram necessários um bilhão e quinhentos milhões de anos.

Com esta idade ninguém pode se considerar incapaz de formular ou questionar algum pensamento.

É necessário nos abstrairmos do que, paulatinamente, como lavagem cerebral, vão nos embutindo: a idéia de que apenas algumas pessoas são capazes de ditarem regras, ou seja, ditarem a “moda”, seja ela qual for, vestuário, leitura, música e, principalmente, comportamental.

Somos seres pensantes e, como tais, temos o discernimento e o raciocínio, afinal,

temos a liberdade de escolha, o que é chamado de livre arbítrio e, se Deus nos outorgou com certo grau de liberdade nas nossas ações, é por que temos condições de utilizá-lo adequadamente.

Sabemos que no momento que as pessoas costumam denominar de “o juízo final”, que não tem nada de final, seremos os nossos próprios juizes e, se podemos avaliar os nossos atos e pensamentos ao término de uma encarnação, é porque temos condições de avaliar as informações que nos chegam durante a mesma.

A avaliação é necessária, sem com isso inferir um ato de julgamento. Julgar é embutir uma recompensa, quando da aprovação, ou uma punição, quando da desaprovação. Avaliar é definir se compartilharemos com as idéias que nos são expostas ou não.

Exerçamos o dom do raciocínio, é o nosso bem maior.

\*

Este livro é o resultado de vários anos em que nos detivemos ao estudo da Doutrina Espírita. Vimos então, compartilhar o resultado desse estudo.

Gostaríamos de ressaltar que nada neste livro é apresentado como teoria definitiva e incontestável, sendo apenas fruto de meditação e discussões a respeito de vários assuntos concernentes ao Espiritismo, assuntos estes já discutidos na literatura espírita.

Estamos conscientes de que qualquer pessoa pode chegar a conclusões díspares, respeitamos essas conclusões e, se houver oportunidade, apreciaríamos que sejam também divulgadas para que todos tenham oportunidade de analisá-las e, assim aprendermos conjuntamente.

Claudio C. Conti

2002

## CAPÍTULO I - O Pentateuco

“Penso, logo existo”; esta frase, dita pelo filósofo, matemático e cientista francês do século XVII, René Descartes, também conhecido como “o pai da filosofia moderna”, demonstra uma verdade fundamental para toda a humanidade: somos seres pensantes.

Todas as partes do corpo necessitam ser exercitadas para se manterem em funcionamento adequado. Isto inclui, também, o cérebro como órgão que necessita de exercício constante.

Muitos podem até pensar que sabem pensar, como também pensam que sabem se exercitar.

Cada parte do corpo necessita de atividades especiais para se manterem em forma e não apenas o uso ordinário que fazemos de muitas destas partes, isto é subutilização de máquina tão perfeita. A subutilização de qualquer equipamento leva a ferrugem e a máquina trava ou não funciona como deveria, sendo necessário descartá-la. Todos sabem da importância de exercícios físicos, nem que seja uma simples caminhada, no combate ao colesterol, prevenção de doenças coronarianas, derrames, etc., acompanhada, é claro, de boa dieta alimentar, escolhendo alimentos saudáveis, sem excesso de gordura e frituras.

Também é um erro a super utilização, isto é, mau uso desta mesma máquina, o que pode levar a uma fadiga prematura da matéria utilizada em sua construção, podendo acarretar a ruptura em uma das partes e, com isso, sua inutilização precoce. Um bom exemplo é o que é chamado de corrosão por fadiga, isto ocorre quando um material qualquer, uma barra de ferro, por exemplo, estando submetida a uma tensão constante, apresentará, após algum tempo, o desgaste na sua estrutura, quebrando facilmente.

O cérebro, como qualquer órgão, precisa ser exercitado de maneira correta, pois pensamento folgais durante todo o tempo é subutilização enquanto que o pensamento mal direcionado é mau uso. Em ambos os casos a mente se entorpece.

Vemos, então, a importância do estudo em sua real amplitude de valores, pois, além de proporcionar maior conhecimento e, com isso, melhor entendimento da vida e do mundo em que vivemos, traz uma condição de tranquilidade. O ser humano tem uma grande relutância ao desconhecido que assusta, portanto, quanto mais sabemos, menos desconhecemos embora, paradoxalmente, quanto mais se sabe mais se tem à noção do quanto desconhece.

Através do estudo é que o espírito evolui tanto intelectual quanto moralmente,

pois o conhecimento intelectual favorece o entendimento da necessidade de moral elevada.

Vejamos, agora, a participação do Espiritismo nesta abordagem.

Em uma análise rápida, poder-se dizer que Kardec nos traz muita informação, nas quatro primeiras obras da codificação, é surpreendente como foi possível colocar tudo aquilo em apenas quatro livros, sem mencionar que cada informação é analisada com esmero. Contudo, no último livro, Kardec nos ensina a pensar...

Primeiramente, analisemos a participação ostensiva dos Espíritos nas quatro primeiras obras. O seu conteúdo mostra claramente que toda aquela informação somente poderia vir de seres desencarnados, nos ensinando muita coisa sobre as relações entre os dois mundos, os chamados mundo material e mundo espiritual, tudo acompanhado da análise tanto de seres extra-corpóreos quanto do próprio Kardec.

No quinto e último livro a participação dos Espíritos não é tão ostensiva. Não queremos, com isso, inferir uma ausência dessa espiritualidade, pois não seria possível conceber a falange responsável pela Codificação não estar presente até o fim, tal pensamento seria pueril e ingênuo.

Uma doutrina nos molde do Espiritismo deve nortear seus seguidores e adeptos em todos os campos e estágios da vida e sua estruturação e elaboração devem estar de acordo com esta finalidade.

Considerando que todos têm uma linha de pensamento próprio, significando que somos tendenciosos quando abordamos um determinado assunto, seja uma doutrina, uma pesquisa ou, até mesmo, estratégias comerciais, quando qualquer assunto fica relegado a uma pessoa somente, esta, naturalmente, tenderá a abordar o tema sob sua linha de pensamento pessoal. Em outras palavras, é inviável manter a imparcialidade total.

Quando o assunto é uma doutrina filosófica comportamental, cuja finalidade é nortear as atitudes das pessoas em geral, a tendência imposta por uma única pessoa poderá levar a danos catastróficos, principalmente no campo mental.

Por este motivo Kardec buscou compilar a doutrina recolhendo informações de vários espíritos para, desta forma, anular o personalismo imposto, mesmo que inconscientemente, por cada um. É importante lembrar que espíritos de vários níveis evolutivos participaram na Codificação e não apenas os mais evoluídos.

Na tentativa de melhor compreender a participação de espíritos menos evoluídos na codificação, vamos entrar um pouco na essência da Codificação Espírita.

“Quis Deus” que a Doutrina viesse a Terra não como uma doutrina pronta, simplesmente ditada a um médium qualquer, sujeita a interpretações errôneas devido a nossa pequena capacidade de compreensão, mas que fosse elaborada e desenvolvida paulatinamente. Contudo, podemos imaginar o grau evolutivo em que se encontram os espíritos responsáveis pelo trabalho e, também, é possível imaginar as dificuldades que eles teriam para exprimir as idéias em uma linguagem acessível para nós. Em várias questões eles afirmam não haver palavras em nosso vocabulário para que possam traduzir um pensamento.

Ademais, era também necessária a participação do homem para que este fosse um trabalho fruto do esforço humano. Como isso foi feito?

Vamos dar um exemplo que o próprio Kardec apresenta no livro A GÊNESE: é fato comum espíritos não perceberem que desencarnaram. Haveria, portanto, duas possibilidades para que esse fato se tornasse conhecido:

- a) Espíritos simplesmente chegassem para Kardec, através de um médium, e ditassem palavra após palavra que existem espíritos que se acreditam encarnados mesmo após o desencarne;
- b) Espíritos nesta condição seriam trazidos para se comunicarem e, através da observação e análise, o fato poder ser concluído.

A primeira possibilidade pode até parecer mais simples, todavia, não demonstra toda a gama de possibilidades possíveis e nem os sentimentos envolvidos neste tipo de situação. A segunda possibilidade já permite a análise mais aprofundada da questão, pois os próprios espíritos envolvidos relatam suas experiências.

A mesma linha de raciocínio é válida no caso de estudo sobre os espíritos sofredores, por exemplo. Vários espíritos na condição de sofrimento foram trazidos para apreciação e estudo.

Desta forma foi utilizada uma abordagem científica, isto é, fatos são observados para posterior elaboração das leis que regem estes mesmos fatos. Por esse motivo é que se pode afirmar o caráter científico da Doutrina Espírita - ao invés dos espíritos ditarem os fenômenos, deixaram que estes fossem observados para, então, o próprio homem deduzir como ocorrem.

Pelo mesmo motivo foram utilizados vários médiuns para o recebimento das mensagens.

As comunicações se deram principalmente através da escrita. Segundo o próprio Kardec, existem vários tipos de médiuns escreventes que variam segundo o modo de execução: médiuns mecânicos, semimecânicos e intuitivos, portanto, mais uma vez se verifica que existe a possibilidade de prevalecer o pensamento pessoal sobre uma questão qualquer, pois o médium pode embutir, na mensagem, idéias próprias, o que dependerá da sua educação mediúnica.

É importante ressaltar que certamente, no início de seu trabalho, Kardec não tinha conhecimento da diversidade de médiuns, o que somente foi verificado após muito estudo e observação.

Em O Livro dos Espíritos, publicado em 1857, primeiro livro da Codificação há ser escrito, a Doutrina é apresentada como um todo, com início, meio e fim, dando aos seus leitores a idéia completa, sem possibilidades de devaneios inadequados ou indesejáveis. Embora possa parecer detalhe banal, é de vital importância, pois é muito mais fácil educar sobre qualquer assunto antes que concepções errôneas se instalem, a correção sempre será mais difícil.

O Livro dos Espíritos é composto de quatro capítulos, a saber: Das Causas Primárias; Do Mundo dos Espíritos; Das Leis Morais; Das Esperanças e Consolações. Cada um destes capítulos se tornou assunto para outro livro, formando, então, o Pentateuco da Codificação Espírita, obra basilar em que todo e qualquer estudo espírita deve se apoiar.

Do Capítulo II – Do Mundo dos Espíritos foi escrito O Livro dos Médiuns, publicado em 1861. Neste livro são esclarecidos os fenômenos da mediunidade em maiores detalhes. Numa época em que os fenômenos mediúnicos eclodiam em todos os lugares, este livro apresentava as respostas para as dúvidas que surgiam.

Contudo, a mediunidade não parou naquela época, ela está presente em todos nós, seja médium ostensivo ou não, mas sempre médium. A palavra “médium” se refere, em significado mais comum, ao intermediário entre os homens e os espíritos, contudo, em maior abrangência, seria o processo de comunicação mais comum, isto é, a interação existente entre todos os seres vivos.

Do Capítulo III – Das Leis Morais foi escrito O Evangelho Segundo o Espiritismo, publicado em 1864, que esclarece sobre passagens e parábolas de Jesus, em sua encarnação missionária, há mais de dois mil anos, interpretando seus ensinamentos para que todos possam compreendê-los, libertando-nos de qualquer versão deturpada.

Não é possível conceber a idéia de Jesus como alguém que veio a terra para

ensinar utilizando uma forma que apenas alguns poucos o pudessem compreender, seus ensinamentos são simples e diretos, contudo, é preciso estar aberto para o entendimento do amor incondicional a todas as criaturas.

Obviamente que, no atual nível evolutivo que este mundo se encontra, o exercício de um amor incondicional ainda é muito difícil, estamos muito arraigados aos nossos sentimentos inferiores de orgulho. Todavia, o início da caminhada é o entendimento de que esse tipo de sentimento existe. A Terra é sempre brindada com a presença de espíritos capazes do exercício do amor incondicional para servir de exemplo, mostrando que isso é possível e que, um dia, todos estaremos na mesma condição.

Do Capítulo IV – Das Esperanças e Consolações, foi escrito o livro O Céu e o Inferno publicado em 1865, que esclarece sobre o porvir, o além túmulo, apresentando a existência de um futuro que passa a ser o motivo pelo qual se deve saber viver com consciência dos atos praticados. Através de um exercício mental para pensarmos da mesma forma que uma pessoa materialista, esquecendo-se da existência da vida futura, nos possibilita conceber, mesmo que de forma rudimentar, o quanto desesperador pode ser quando não se crê na continuidade da existência da individualidade, do ser imortal.

O pensamento incoerente de que o nada nos espera logo adiante faz com que tentemos fugir da realidade para aguardarmos esse nada. Quando esta idéia domina a mente por completo o espírito busca sua “liberdade” no ato mais covarde, na culminância do desespero, o suicídio. Ao acordar, no outro lado, o desespero é aumentado em dez, cem, mil vezes, quando o indivíduo se depara com a vida imortal do espírito.

Tal pensamento é a mola, o estopim para tantos se enganarem no consolo falso e mentiroso dos vícios. O álcool e as drogas são consequências do desespero que o vazio proporciona em espíritos pouco esclarecidos.

A existência adquire um novo significado sob a ótica reencarnacionista, ressaltando a importância de nós mesmos e dos outros. Porém, ainda somos muito imperfeitos e é nosso egoísmo, cultuado por nós mesmos, durante reencarnações sem fim, que não nos permite levantar os olhos para enxergar o nosso próximo e os trabalhos que necessitam serem realizados.

O irônico nesta história é que enxergando nosso próximo e arregaçarmos as mangas estaremos, na verdade, enxergando a nós mesmos e trabalhando para o nosso próprio benefício.

A verdadeira calma e a verdadeira serenidade só podem ser alcançadas com o trabalho perseverante no aprimoramento moral e intelectual e, quando da desencarnação, será possível vislumbrar o futuro a nossa frente e, então, tomaremos consciência do quanto efêmero é o “sossego” terreno que tanto buscamos.

A idéia da individualidade é fundamental para que o ser valorize a sua existência, sabendo que todos os atos sempre estarão ligados a um ser individual, que será o responsável. Desta forma, fica mais fácil controlar nossos impulsos assim como também se torna mais fácil o perdão, pois saberemos que aquele que comete atos perniciosos deverá sempre arcar com as consequências.

Do Capítulo I – Das Causas Primárias, foi escrito o livro A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo, publicado em 1868, último livro da codificação a ser escrito. A Doutrina deixa um legado importantíssimo para a nossa vida, pois este último livro nos ensina a pensar, usar a razão, analisar os fatos porvindouros.

Quanto mais se analisa a Doutrina Espírita, mais se observa a sua complexidade e, o que é mais importante, a sua completude.

Uma doutrina que liberta e que, ao mesmo tempo, é progressista, se caracterizando por estar aberta a abraçar e incorporar, no seu corpo doutrinário, os novos avanços da humanidade deve, também, instruir como estes avanços devem ser analisados antes de serem absorvidos, além de esclarecer quanto a tantos pontos obscuros de uma ciência humana.

O livro A Gênese se caracteriza pelo exercício da razão e nos norteia sobre os acontecimentos futuros e é sob este prisma que deve ser estudado.

## CAPÍTULO II - Deus

*Alguém bate a nossa porta. Sussurrando palavras de contrariedade por ter de levantar de uma poltrona confortável, assistindo as últimas notícias ou a um programa de entretenimento, apesar do grande esforço para cruzarmos o espaço que nos separa da poltrona à porta, conseguimos atingir o objetivo para constatar, com enorme surpresa, que não havia ninguém.*

*Fechamos a porta resmungando palavras inaudíveis e comentamos com a esposa, marido ou filhos, com alguém enfim. Perguntamos se também ouviram as batidas na porta e obtemos uma resposta afirmativa.*

Sim, alguém bateu à porta, isto é um fato. Também é um fato que esse alguém não foi visto por ninguém.

É mais ou menos desta forma que Kardec nos explica acerca da existência de Deus no Capítulo II do livro A Gênese. Ninguém o vê, mas podemos inferir a existência de uma entidade superior apenas pelo efeito dos seus atos. Tão simples quanto possa parecer e tão complexo quanto se possa imaginar.

Onde estaria a simplicidade? Onde estaria a complexidade?

Quando analisamos o exemplo da porta descrito acima, é fácil de supor algumas possibilidades para o ocorrido:

Conjectura A: A pessoa que bateu à porta era uma criança fazendo travessuras, simplesmente isso.

Conjectura B: A pessoa que bateu à porta desistiu de seu intento, simplesmente isso? Talvez...

A simplicidade da conjectura B está intimamente relacionada com uma gama muito variada de possibilidades, somente para ressaltar alguns, podemos supor:

1. Estaríamos esperando alguém?
2. Estaríamos esperando algo que alguém traria?
3. Há alguém doente e poderia ser notícias?
4. Alguém da família estaria fora de casa?
5. Um vizinho precisando de açúcar, mas voltou para atender ao telefone e

voltará a bater em alguns minutos?

Complicado não? Poderíamos continuar com a lista, mas a complexidade já ficou demonstrada. Algumas das hipóteses não traria outras conseqüências, porém, algumas outras poderiam até trazer algum prejuízo, nem que o prejuízo seja ter de levantar para atender a porta novamente.

Deixemos, agora, de lado o exemplo pueril da porta e nos transferimos para uma questão que, embora similar, pode trazer conseqüências desastrosas quando uma hipótese errada é escolhida: a questão relacionada ao fato de não podermos ver Deus, mas conhecê-lo pelos seus efeitos. Impossível de haver conseqüências desastrosas??? A história nos mostra que não.

A literatura está repleta de relatos sobre as inconsequentes atitudes dos homens, ao longo dos séculos, em nome de um deus. A título de exemplo podemos citar a Inquisição, as Guerras Santas, englobando países e até mesmo continente inteiro, como ocorreu na Europa durante vários séculos, sem mencionar tantas outras, em menor escala, localizadas em algumas religiões e seitas.

Isto, sem mencionar o que ocorre até os dias de hoje, século XXI, com tanto avanço tecnológico, onde a informação está disponível para todos, embora, ainda, muitos não tenham acesso, podados por pessoas interessadas na manutenção do poder à custa da ignorância alheia. Vemos grupos contra grupos, países contra países, luta descabida por uma ideologia religiosa.

No próprio Velho Testamento, no livro Gênesis, Capítulo 1 item 27, encontramos uma descrição de como os homens foram criados, dizendo que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Para aqueles que interpretam as escrituras no sentido literal das palavras, crêem na semelhança física do homem com Deus, tanto que a mais comum imagem que se faz da divindade é a de um homem velho, de longas barbas brancas, vestindo um lençol branco.

Ainda no Genesis, Capítulo 3 itens 14, 15, 16 e 17, há o relato de uma desobediência do homem, que no caso seria Adão, comendo da árvore do conhecimento do bem e do mal, o que chamam de “fruto proibido”. Diante de tal fato, Deus tomaria características vingativas e proclamaria uma série de castigos que seriam impostos tanto ao primeiro homem quanto a primeira mulher.

As escrituras não são para serem analisadas no sentido literal, mas interpretando os ensinamentos.

O simples fato de não reconhecermos em Deus a perfeição absoluta em todos os sentidos, atribuindo características humanas, pode certamente levar a erros lastimáveis, seja para um grupo de pessoas ou para um único indivíduo.

Kardec, no livro *A Gênese*, Capítulo 2, explica e enumera as qualidades de Deus:

- ✓ Inteligência suprema e soberana;
- ✓ Único;
- ✓ Eterno;
- ✓ Imutável;
- ✓ Imaterial;
- ✓ Onipotente
- ✓ Infinitamente justo e bom.

A interiorização da infinita justiça e bondade do Criador é de capital importância para que possamos olhar para o nosso mundo sem, na melhor das hipóteses, nos chocarmos e podermos aceitar os fatos que não podemos mudar.

Tomemos dois pontos como exemplo:

1. Percebemos ser uma realidade o fato de haver a ausência do bem em vários segmentos da nossa sociedade;
2. É comum ouvirmos expressões do tipo “Deus não faria isso comigo!” ou então “Como pode Deus fazer isso comigo?!”, independentemente se partilham de alguma crença religiosa ou não.

Em situações como estas, quando o indivíduo não possui o conhecimento necessário nem partilha de uma crença sólida, que pode se confundir quanto à soberana bondade de Deus e é nestes momentos que o ser se encontra como um barco à deriva, ao sabor das ondas, a mercê dos acontecimentos.

A bondade de Deus se expressa em todos os momentos da nossa vida, seja na alegria ou nos momentos difíceis. Assim como uma mãe repreende um filho ou quando impõe certas obrigações necessárias ao seu desenvolvimento sadio, mesmo contra a sua vontade, todos nos deparamos com situações desagradáveis, também necessárias para a nossa evolução.

Temos que aceitar o fato de não estarmos ainda em condições de compreender todos os desígnios divinos. Será, então, que devemos considerar a infinita bondade de Deus como um dogma<sup>1</sup>?

Não, não é necessária nem indicada a aceitação da bondade de Deus como um dogma. Contudo, através de uma análise bem simples pode-se concluir que ela existe.

Imaginemos Deus como sendo um ser vingativo, capaz de atos cuja única finalidade seja a punição. Atos punitivos deliberados, com a finalidade de desforra, sendo decorrência do exercício de certas paixões, como o orgulho, são, por essência, de caráter negativo e normalmente, impensados.

Hoje em dia, somente na situação de encarnados na Terra, somos, aproximadamente, seis bilhões de espíritos. Não é possível sequer imaginar quantos atos delinquentes são realizados em um único dia. Se Deus houvesse de se vingar de cada um, com atitudes impensadas, toda a estrutura do planeta estaria comprometida, pois as leis que o regem estariam mudando a todo instante. Imaginemos quando são considerados todos os espíritos do Universo e suas leis, nunca chegaríamos a existir.

Todas as vertentes religiosas pregam a bondade de Deus, seja lá qual for o nome que Lhe seja dado e mesmo que acreditem na existência de vários deuses, sempre existirá um ou alguns voltados para o bem. Apesar desta apregoada bondade divina, basta olharmos ao nosso redor ou na história do mundo desde a existência de seres vivos no planeta para observarmos a existência do mal. Portanto, o mal existe e isto é inegável. Qual seria, então, a procedência deste mal?

Diante deste fato inegável é preciso que, estas mesmas crenças religiosas que pregam a bondade de Deus, dêem aos seus seguidores uma explicação, haja vista que, na verdade, as pessoas buscam nas religiões respostas para fatos que não compreendem com a ciência material. Buscam respostas para amenizar ou até mesmo solucionar os sofrimentos que vivenciam. Por outro lado, temos a tendência de culpar outros pelo sofrimento decorrente das próprias faltas, pois desta forma não é necessário trabalhar por uma modificação pessoal.

Estamos diante da seguinte situação: o mal existe e precisamos encontrar um culpado, alguém a quem possamos culpar pelos próprios erros. Mas quem poderia assumir esta culpa e, o que é mais importante, que não se defenderia? Não adiantaria culpar alguém que poderia se defender e pronto, não teríamos mais o “bode expiatório”

---

<sup>1</sup> “Dogma” - princípio fundamental e indiscutível de uma doutrina ou qualquer sistema.

e, além disso, teria que ser alguém que não morreria caso contrário seria necessário encontrar outro de tempos em tempos, o que seria muito trabalhoso.

Diante de tal dilema, nada mais simples e fácil do que inventar um. Surge, então, a figura do Demônio e a idéia do inferno. Contudo, inerentemente ao ser, tem-se a concepção de que são estados de consciência da alma humana.

Apesar do homem se considerar um ser superior e que, no início do 3º milênio, quando já conquistou tantos feitos extraordinários como a conquista do espaço, máquinas, como a tomografia computadorizada, que são capazes de “fotografar” o interior do corpo humano na busca de diagnosticar doenças, hoje com o avanço da tecnologia é possível a comunicação imediata com qualquer parte do mundo, trocando informações de todos os níveis, seja falada, visual ou escrita. Apesar de nos considerarmos seres tão fantásticos, nossa visão ainda é muito restrita; nossos sentidos ainda muito limitados, mesmo com a ajuda de toda a tecnologia disponível; nossa mente, capaz de feitos prodigiosos, ainda é muito limitada para podermos compreender como o universo é concebido, não apenas sua formação, mas todos os mecanismos que são utilizados na sua manutenção, as leis químicas e físicas que regem os planetas, e, acima de tudo, as leis à que a humanidade está sujeita, não apenas as leis sociais, aquelas que existem para disciplinar o povo no que toca a vida em sociedade, que por si mesma é transitória e imperfeita em muitos aspectos.

Ainda vemos as coisas com pouca visão, capazes apenas de olhar para os próprios umbigos, os interesses pessoais e, tudo aquilo que vai contra esses interesses, rotulamos como mal ou injusto. Quando estivermos em condições de apreciar a sabedoria de Deus e que tudo tem sua utilidade, aceitaremos os fatos sem revolta.

O Espiritismo não faz apologia a dor, mas busca a sua compreensão, um entendimento do porquê da sua existência para então buscar, de forma atuante, a solução sem revolta e sem desespero. Sabendo que a bondade do Pai está sempre a nos apoiar.

Kardec, também no livro *A Gênese*, Capítulo 3, expõe com brilhante clareza, uma análise sobre a existência do bem e do mal.

### CAPÍTULO III - Mundo dos espíritos

É um fato comum as pessoas crêem que existem fantasmas como sendo seres do outro mundo e vestidos com um lençol branco. Isto na melhor das hipóteses muitas vezes acredita-se tratar de seres horripilantes, deformados ou faltando pedaços.

Estas idéias não são necessariamente frutos da imaginação humana, pois sabemos da existência de espíritos e que alguns deles são vistos envoltos numa substância vaporosa e não definida que, por aproximação, muito se assemelha ao lençol. Por outro lado, muitos espíritos, após o desencarne, se encontram em situação de sofrimento, acreditando-se estar realmente faltando um pedaço ou completamente desfigurados, decorrente de um desencarne mais violento cujo trauma permanece vivo.

Muitas pessoas são capazes de ver estes espíritos, são os médiuns videntes, dando ensejo para as mais diversas descrições, realístico ou não.

Em resumo, podemos dizer que aqueles que pensam que fantasmas existem estão completamente enganados. Fantasmas não existem, são, na verdade, espíritos vivendo em outra condição de existência – o que é denominado de “o mundo dos espíritos”.

Mas, o que seria o “mundo dos espíritos”? Haveria dois mundos? O nosso e o deles? Existiriam, então, “coisas do outro mundo”?

Obviamente existe a necessidade de definir nomes ou denominações específicos para os diferentes lugares, sejam eles circunscritos em um espaço definido ou não. Não podemos esquecer que os nomes são mera forma de identificação sem, contudo, inferir que não possa haver algum tipo de interação entre eles. Existe uma tendência a darmos mais importância em como os sentidos são sensibilizados do que a essência do evento.

No início do livro falamos a respeito do exercício mental. Retomando esta idéia, propomos um exercício: Vamos esquecer as definições de “outro mundo” ou “mundo dos espíritos” e considerar os “dois mundos”, o nosso e o deles, como sendo uma coisa única, partes integrantes de um todo. Difícil? Pode até ser a princípio, mas depois que nos acostumarmos com a idéia será, até, muito fácil.

Vamos imaginar o “outro mundo” como sendo outro país, localizado, como todos os outros, na superfície da Terra.

Neste país, existem pessoas como o nosso e, da mesma forma, necessitam de casas, trabalho, educação, cuidados médicos e tudo o mais que nós necessitamos no nosso país.

Mesmo que nunca tendo viajado, estamos acostumados a ver fotografias, filmes, etc. Ainda que não houvesse estes meios, haveria o relato de pessoas que já foram a outros locais. Será que conseguiríamos imaginar como seria um lugar qualquer baseados em relatos?

A vida de Jesus é um bom exemplo de como se é possível montar todo um cenário apenas através de relatos. Não existe uma única fotografia sequer daquela época e, inclusive, do próprio Jesus, mas, apesar de qualquer erro derivado de uma interpretação errônea, sua mensagem atravessou séculos e ainda continuará existindo por muitos séculos vindouros.

Voltemos ao nosso país virtual.

Embora haja diferenças marcantes entre os vários povos, podendo-se enumerar como exemplos a cor de pele, a estatura, as crenças, os costumes, o idioma, etc. Verifica-se que todos necessitam respirar oxigênio, todos necessitam se alimentar, todos necessitam dormir, em resumo: as necessidades fisiológicas e as leis que regem a manutenção dos corpos vivos são as mesmas.

Não somente estas, mas também as leis químicas e físicas são as mesmas; Seria uma grande insensatez se assim não fosse, pois o intercâmbio entre os povos estaria completamente comprometido, não haveria mais a menor possibilidade de turismo, seja lazer ou profissional, o comércio exterior não existiria, uma vez que a matéria de um país teria propriedades diferentes quando sob as leis químicas e físicas do outro país. A madeira, sólida em um, poderia ser líquida em outro, por exemplo. Em Resumo: viveríamos completamente isolados uns dos outros.

A lógica e a razão dizem, portanto, que é necessário haver uma unidade de comportamento básico, isto é, as leis que regem o comportamento da matéria, seja ela orgânica ou inorgânica, para que possa ocorrer algum tipo de interação.

Ora, se nós que temos a inteligência tão limitada podemos compreender a necessidade da unidade das leis, o Criador, detentor da inteligência suprema como discutido no Capítulo II, muito mais facilmente reconheceria esta necessidade.

Assim como nos aeroportos do mundo inteiro existem pessoas chegando e partindo, de e para os mais variados pontos do planeta, poderíamos considerar os hospitais como o “aeroportos” de chegada e partida de espíritos do e para o nosso país virtual, o “mundo espiritual”. Obviamente que as pessoas não encarnam e desencarnam somente em hospitais e serve apenas como meio de raciocínio e comparação.

Se há intercâmbio, necessariamente devem existir leis a reger o processo.

Apesar da complexidade que devam apresentar, ainda assim é possível elaborar algum raciocínio para aprimorar a compreensão das leis que regem o intercâmbio entre as duas condições de existência.

No livro *Evolução em Dois Mundos*<sup>2</sup>, Capítulo I, encontramos o seguinte descrição do processo de criação do universo:

*Nesta substância original (referindo-se ao fluido cósmico) ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas,..., extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade...*

*Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo as leis pré-determinadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de toda a Eternidade.*

Analisando este seguimento de texto é possível concluir que tudo o que conhecemos e o que não conhecemos, podendo-se inferir o mundo material e o mundo espiritual, como sendo constituídos da mesma matéria elementar, isto é, o fluido cósmico. Por mundo material e mundo espiritual entende-se não somente o nosso, mas todos os sistemas planetários, sistemas galácticos, enfim, todo o universo, no que concerne a matéria.

Estes mundos são o campo fértil onde os espíritos buscam, através das experiências vividas, tanto no plano material quanto no espiritual, meios de evoluírem. André Luiz chama de “habitações cósmicas”.

A informação disponível através da literatura espírita, inclusive o Pentateuco Kardequiano, os espíritos se encontram em variados estágios de evolução, cada grupo com uma necessidade diferente do outro. Visando suprir a necessidade de experiências diferentes, os vários mundos devem fornecer condições adequadas para cada necessidade e, por isso, se apresentam de variadas formas.

---

<sup>2</sup> *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz (espírito), psicografia de Chico Xavier.

A diversidade das condições físicas e, conseqüentemente, de habitabilidade dos planetas pode ser exemplificada com a Terra e Júpiter.

A Terra é exemplo de um planeta rochoso que, como o próprio nome infere, são constituídos de superfície sólida: rochas e metais; possui alta densidade, a rotação em torno do sol ocorre de forma lenta, não apresentam anéis e possuem poucos satélites, a Terra possui apenas um satélite, a Lua. São os planetas mais próximos do nosso sol, a saber: Mercúrio, Vênus, Terra e Marte.

Por sua vez, Júpiter é exemplo de um planeta gasoso que, como também o próprio nome infere, são constituídos principalmente de gases: hidrogênio e hélio; ao contrário dos planetas rochosos, apresentam baixa densidade, rápida rotação, atmosferas espessas e densas, apresentam anéis, como Saturno, e grande quantidade de satélites, Júpiter possui cinco satélites. São os planetas mais afastados do sol, a saber: Júpiter, Saturno, Urano, e Netúlio.

Podemos, assim, com poucos exemplos, observar a diversidade das características dos planetas.

A título de exemplo podemos considerar o planeta Júpiter. Pelas suas características, é um planeta completamente hostil para a existência de vida orgânica, pelo menos na forma que a conhecemos, não possui superfície sólida. A atmosfera, nociva e instável, é tão densa que os raios solares não são capazes de penetrá-la.

Contudo, em várias publicações da Revista Espírita<sup>3</sup>, mas especificamente em 1858, são trazidas várias informações a respeito deste planeta que é apresentado como sendo habitado por espíritos mais evoluído que o nosso.

Ainda no Capítulo I do livro *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz diz que *toda essa riqueza de plasmagem, nas linhas da Criação, ergue-se à base de corpúsculos sob irradiação da mente, corpúsculos e irradiações que, no estado atual dos nossos conhecimentos,..., não podemos definir em sua multiplicidade e configuração. Verifica-se, desta forma, a importância da ação do pensamento.*

No livro *Mecanismos da Mediunidade*<sup>4</sup>, capítulo IV, André Luiz discorre sobre o pensamento:

*Nos fundamentos da Criação vibra o pensamento imensurável do Criador e sobre esse plasma divino vibra o pensamento mensurável da criatura, a constituir-se no vasto oceano de força mental em que os*

---

<sup>3</sup> Periódico mensal publicado pela direção de Kardec.

<sup>4</sup> *Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz (espírito), psicografia de Chico Xavier.

*poderes do Espírito se manifestam.*

Vemos, assim, que ao termo em que André Luiz se referencia como corpúsculo mental infere a natureza material do pensamento. A matéria mental, similarmente a matéria densa que conhecemos embora em outro estado vibratório, estaria sujeita a leis físicas que regem a matéria naquele estado vibratório.

Definindo o pensamento como matéria, André Luiz afirma ser matéria em outro estado vibratório, formada por átomos mentais compostos de prótons, neutros e elétrons mentais, denominados assim, como ele próprio o diz, pela falta de terminologia mais adequada. Em outras palavras: a matéria mental também é formada pela conjugação de forças de atração e repulsão, ou seja, “leis de formação dos sistemas atômicos”. Há, portanto, similaridade entre os sistemas atômicos dos dois planos, material e espiritual.

Sobre a matéria do denominado plano espiritual, que estaremos em contato direto após a desencarnação ou durante os momentos em que o espírito se liberta temporariamente do corpo físico, André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, Capítulo XIII, diz ser a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Todavia, encontraremos elementos atômicos mais complicados que o Urânio<sup>5</sup> e mais sutis que o Hidrogênio, estendendo os elementos conhecidos na Terra.

Elementos atômicos, ou elementos químicos, são a base estrutural de toda a matéria. A combinação destes vários elementos é que se dá a formação dos compostos ou substâncias. Por exemplo, na combinação de dois átomos do elemento hidrogênio com um átomo do elemento oxigênio forma-se o composto ou substância conhecida como água.

Os elementos químicos são a corpúsculos base utilizados nos processos químicos para a elaboração das substâncias.

Atualmente são conhecidos, na Terra, 112 elementos químicos, sendo que, dentre estes, apenas 92 são encontrados naturalmente enquanto que os outros foram produzidos pelo homem a partir dos elementos naturais.

Os átomos são compostos por um núcleo, parte central, onde se encontram os prótons e nêutrons, e a eletrosfera, região em torno do núcleo onde se encontram os elétrons.

Dentre os elementos naturais, o átomo de Hidrogênio é o mais simples de todos

---

<sup>5</sup> O urânio é o elemento mais pesado que ocorre naturalmente.

formado apenas por um próton no seu núcleo e um elétron girando em torno.

No outro extremo, encontramos o átomo de Urânio, o elemento mais pesado, composto por 92 prótons e 146 nêutrons em seu núcleo e 92 elétrons girando em torno.

André Luiz nos informa que esta série de elementos, quando consideramos os outros mundos, inclusive o mundo espiritual, é bem maior do que conhecemos.

Um exemplo real da possibilidade da existência de elementos diversos aos que existem na Terra é dado pelo próprio homem, que são os elementos artificiais, mencionados anteriormente, que são mais pesados que o Urânio, tais como o Netúncio, Plutônio, Amerício, Cúrio, etc...

Vemos, assim, que o “outro mundo” e o “nosso mundo” estão entrelaçados, não existem como duas entidades isoladas, mas como uma única coisa. A concepção da vida espiritual toma nova forma, deixa de ser fantasiosa ou inimaginável para se tornar real e concreta.

## CAPÍTULO IV - Entendendo o mundo espiritual

Entender o funcionamento do mundo espiritual não é tarefa fácil, nem temos a pretensão de explicar, mas, não só podemos como devemos buscar todos os recursos disponíveis para, mesmo que equivocados, exercitar o raciocínio numa tentativa de melhor assimilar as informações que chegam até nós.

Antes de tudo é necessária uma compreensão do nosso raciocínio em geral.

A mente humana elabora pensamentos mais facilmente sobre assuntos envolvidos no cotidiano e objetos concretos, do tipo que podemos ver e sentir. A elaboração do pensamento abstrato, isto é, transcendente à realidade sensível, requer exercício mental e pode ser desenvolvido paulatinamente. Inicialmente sente-se uma grande dificuldade, mas, com o passar do tempo, vai se tornando cada vez mais fácil.

Devemos então, iniciar o estudo pelo pensamento e idéias vigentes até o final do século XIX, que são representativas na descrição do mundo sensível.

Primeiramente devemos ressaltar que, todo o conhecimento atingido naquela época era considerado como o ponto máximo que o conhecimento humano poderia chegar. A idéia sobre o mundo e os fenômenos, inclusive e o movimento dos planetas, aceita naquela época é denominada de Física Clássica.

A Física Clássica se caracteriza pela mecânica newtoniana e a geometria euclidiana.

O universo newtoniano, baseado nos trabalhos de Isaac Newton, físico e matemático inglês do Século XVII, apresenta o tempo como uma dimensão absoluta e sem vínculo com o mundo material, fluindo do passado, passando pelo presente em direção ao futuro; a matéria sendo composta por partículas materiais, objetos sólidos e indestrutíveis; os eventos físicos sendo o movimento de pontos materiais, causado por atração mútua, isto é, a gravidade e; a natureza estaria submetida a um determinismo rigoroso.

Entre muitos dos seus trabalhos estão as três leis de movimento, que descrevem a mecânica newtoniana:

- 1) Todo corpo em repouso ou em movimento continuará nesta condição, a menos que uma força aja sobre este corpo;
- 2) A aceleração de um corpo será proporcional a força aplicada sobre este corpo e, ao mesmo tempo, inversamente proporcional a sua massa;

- 3) A ação existente entre dois corpos será sempre igual em intensidade, mas em direções opostas.

A geometria euclidiana, elaborada por Euclides, geômetra grego do Século III A.C., descreve o espaço sendo absoluto, limitado a três dimensões (tridimensional), sempre em repouso e, por si só, imutável, não considerando fatores externos. Esta forma de conceber o espaço é baseada em cinco postulados:

- 1) É possível existir uma linha reta ligando um ponto a outro ponto qualquer;
- 2) É possível produzir uma linha reta finita continuamente em uma linha reta;
- 3) É possível existir um círculo de qualquer raio com centro em qualquer ponto;
- 4) Todos os ângulos retos são iguais entre si;
- 5) Somente uma linha reta pode existir, passando por um ponto que não pertença a outra linha reta e que seja paralela a esta outra reta.

Apesar da aparente complexidade, a mecânica newtoniana e a geometria euclidiana descrevem o espaço físico como nós o percebemos, sendo válidos para o que é considerado como “zona de dimensões médias”, isto é, o mundo visto através dos nossos sentidos.

O mundo do conhecimento transcorria tranquilamente até que dois físicos, Faraday e Maxwell, descobriram os fenômenos elétricos e magnéticos que não podem ser descritos adequadamente pelas leis da mecânica e que envolviam um novo tipo de força. Substituiu-se o conceito de força pelo de campo. Entende-se campo com a área de atuação de uma partícula, isto é, qualquer partícula em um ponto possui um campo de atuação. Comparando com uma vela acesa, campo seria a região do espaço iluminada pela sua chama.

No início do século XX, um físico brilhante ponderando sobre as novas descobertas, define uma nova tendência para o pensamento físico. O absolutismo deixa de ser reinante nos processos físicos para ser relativo. Surge a Teoria da Relatividade elaborada por Einstein, físico alemão em 1879.

Esta nova teoria muda completamente a forma de encarar os fenômenos observáveis. O tempo deixa de ser isolado e absoluto para formar, juntamente com o espaço, um continuum quadridimensional, isto é, o tempo não pode ser desvinculado do espaço; com isso, o espaço também deixa de ser considerado absoluto, imutável e em

repouso; a matéria passa a ser considerada como uma forma de energia, obedecendo a famosa lei descrita pela equação  $E=mc^2$  ( $E \rightarrow$  energia;  $m \rightarrow$  massa e  $c \rightarrow$  a velocidade da luz:  $\sim 300000\text{km/s}$ ); a natureza também deixa de ser considerada absoluta para ser relativa e o seu comportamento está diretamente relacionado com aquele que observa.

A teoria da relatividade restrita aumenta o campo de atuação da física para os fenômenos de grandes velocidades.

A Teoria geral da relatividade diz que sempre que exista um objeto compacto, o espaço ao seu redor é curvo e o grau de curvatura dependerá da massa do objeto. Como o tempo não está isolado, este também é afetado pela matéria, fluindo diferentemente em partes diversas do universo.

Não são apenas as medidas que envolvem espaço e tempo que são relativas, mas toda a estrutura do espaço-tempo depende da distribuição da matéria.

Pela idéia da interligação do espaço-tempo vemos que o tempo como conhecemos está ligado ao que chamamos de “universo conhecido”, isto é, a região do universo do qual fazemos parte e que será escrito com “u” em minúsculas, apenas uma porção ínfima. Em outras partes do Universo, em sua conotação mais ampla e que será escrito com “U” em maiúsculas, o tempo pode fluir de forma completamente diferente. Assim, o nosso universo é um caso particular do Universo.

Sendo Deus o ser supremo, preside não apenas sobre um universo em particular, mas o Universo. Desta forma, pode-se conceber a idéia de diferentes tempos fluindo nos diferentes universos pertencentes ao Universo que passam a ser pontuais, podendo ser observados como se fossem o presente apenas. Assim, pode-se dizer que para Deus o passado e o futuro são o presente, pois o tempo observado de sua posição tem uma conotação completamente diferente.

Ainda nesta abordagem, o espaço vazio perdeu seu significado na astrofísica e cosmologia devido à teoria da relatividade e o conceito de objetos sólidos foi destruído pela física atômica.

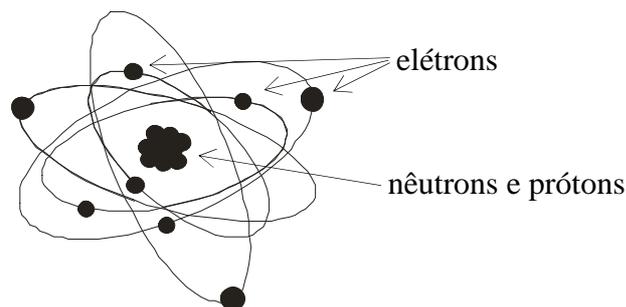
Dá-se, então, o surgimento da Física Quântica que estende o campo de atuação da física à região de pequenas dimensões.

O átomo (até 1909) era considerado como tendo a mesma consistência em toda parte com cargas elétrica espalhadas aleatoriamente. Pode-se fazer a analogia da estrutura do átomo com um bolo de passas: a massa do bolo é uniforme em todas as regiões com as passas posicionadas aleatoriamente pelo bolo.

Assim foi até Rutherford bombardear uma folha muito fina de ouro com radiação alfa<sup>6</sup>. Neste experimento, algumas partículas atravessavam a folha de ouro enquanto que outras ricocheteavam, como se houvessem regiões sólidas e espaços vazios. Imaginem várias bolas de ping-pong sendo arremessadas em uma parede de tijolos vazados, do tipo usado para ventilação, as bolinhas que acertarem os buracos dos tijolos atravessam a parede enquanto que aquelas outras que não atingirem os buracos vão ricochetear na parede.

O resultado obtido com este experimento não estava de acordo com a forma como o átomo era concebido, portanto, nova teoria foi desenvolvida para acomodar os novos conhecimentos. O átomo, então, passou a ser considerado como constituído por um núcleo pesado com carga positiva circundado por um número suficiente de elétrons para torná-lo eletricamente neutro.

Surge, então, o modelo atômico de Bohr. O átomo de Bohr está representado esquematicamente na figura abaixo:



Contudo, várias questões permaneceram não respondidas, uma delas é muito óbvia. Sabe-se que cargas elétricas de mesma carga se repelem enquanto que cargas contrárias se atraem, um processo similar ao que ocorre com os ímãs. Portanto, se os elétrons giram em torno do núcleo e se mantêm ligado devido a forças elétricas, por que os elétrons não descrevem órbita espiralada e se aniquilam no núcleo do átomo?

Foram criados, então, dois postulados, isto é, proposições não demonstráveis, para explicar tais observações:

- a) O elétron não emite energia enquanto em sua órbita;

---

<sup>6</sup> A radiação alfa são partícula sub atômica composta por dois prótons e dois nêutrons.

- b) Quando o elétron passa de uma órbita a outra, ele irradia ou absorve energia.

Max Planck, físico teórico nascido na Alemanha em 1858, descobriu que a radiação térmica não é emitida continuamente, mas na forma de pacotes de energia. Einstein denominou estes pacotes de *quanta*. Os quanta são partículas de um tipo especial, desprovidas de massa e que sempre se deslocam à velocidade da luz, chamadas de fótons.

Esses fótons apresentam características muito interessantes, podem se comportar como partículas ou como ondas. Isto é, quando a luz colide com um elétron poderá transferir sua energia para o elétron, como num jogo de bilhar, nesta situação o fóton se comporta como partícula, enquanto que o fenômeno de difração da luz só é possível quando considerada como onda. Esta teoria se estendeu também aos elétrons que também apresenta o fenômeno de difração.

Nas regiões íntimas do átomo não se pode afirmar onde se encontram as partículas que o constituem, é mais correto dizer teriam a tendência de existir. A teoria quântica apresenta esta probabilidade de existência das partículas através de expressões da probabilidade e são associadas a quantidades matemáticas que tomam a forma de ondas. Estas ondas não são tridimensionais reais, como as ondas sonoras, são ondas de probabilidade.

Este efeito dualístico de comportamento, matéria e onda, derrubou o antigo conceito de matéria.

Resumindo o que foi apresentado anteriormente, o conceito de matéria desde o século XIX sofreu mudanças drásticas. Inicialmente acreditava-se que a matéria era constituída de partículas, sólidas e indestrutíveis, passando, então, a ser considerada como grandes regiões de espaço vazio com partículas extremamente pequenas em movimento para, ao final, ser verificado que mesmo estas minúsculas partículas não são objetos sólidos.

Estas descobertas nos apresentam um mundo inteiramente novo e o estudo da interação entre as partículas em muito se aproxima das propriedades dos fluidos apresentados pelos espíritos muitos anos antes. Entre as descobertas mais espetaculares, podemos incluir que partículas materiais são criadas a partir de energia pura e que as partículas são processos dinâmicos, envolvendo uma determinada quantidade de energia

que se manifesta a nós como sua massa. Todas as partículas podem ser transmutadas em outras partículas e podem ser criadas da energia e desfazer-se nela.

Obviamente que não são de primordial importância estes conhecimentos para que alguém possa compreender e aceitar o mundo espiritual como descrito pelos autores espirituais. Contudo, da mesma forma que pessoas que desconhecem completamente as questões científicas aceitam e compreendem sem grandes esforços, há tantas outras que, mesmo sendo profundos conhecedores dos avanços da ciência e das leis conhecidas que regem o universo, não podem aceitar que, por trás de tudo isso, existe uma inteligência superior a nos guiar com segurança, verdadeiro Pai a cuidar como se cada um fosse filho único ou predileto e, por isso, não permitir que tudo se perca no túmulo.

## CAPÍTULO V - Fluido

Quando Kardec abordou os elementos gerais do Universo, título do Capítulo II da Parte Primeira de O Livro dos Espíritos, tratou de assuntos relativos ao princípio de todas estas coisas que vemos a nossa volta e a essência de que consistem estas coisas, isto é, do que elas são formadas. Pode-se ver, na questão 27, que existem dois elementos gerais do Universo: espírito e matéria; acima de tudo, obviamente, está Deus, formando assim, a Trindade Universal.

É interessante ressaltar a fé e a convicção que Kardec depositava no trabalho ao colocar as idéias espíritas sobre a matéria em meados do século XIX, época em que os conceitos eram bem diferentes, afinal, Kardec era um homem de ciência e conceituado com inúmeros livros didáticos publicados nos vários ramos do conhecimento.

Tomemos como exemplo o que Kardec diz após analisar as respostas das questões 29 a 33: “O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são meras modificações de uma substância primitiva”.

Como até o final do século XIX, a matéria era considerada como composta de partículas materiais sólidas e indestrutíveis, quase 50 anos após a publicação de O Livro dos Espíritos, Kardec complementa dizendo que “na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores conseqüências, tê-los como tais, até nova ordem.”

Com os avanços gradativos do conhecimento científico, a abordagem sobre a estrutura da matéria se torna muito diferente, permitindo entendimento mais amplo sobre os ensinamentos apresentados pelos espíritos na Codificação.

Pesquisas realizadas sobre a constituição da luz conduziram a conclusão de tratar-se de ondas, isto é, ondas eletromagnéticas, em decorrência deste novo conceito, a luz necessitaria de um meio para se propagar, assim como as ondas sonoras se propagam no ar.

A possibilidade de ouvir um som oriundo de uma pessoa falando é decorrente do fato de se estar imersos em um ambiente contendo ar, se este ar não existisse esta pessoa estaria apenas articulando a boca, mas nenhum som seria produzido. A luz era concebida desta mesma forma. No entanto, este meio não seria o ar, pois ficou comprovado que a luz se propaga no vácuo, ausência de ar, criou-se, então, a idéia do éter, meio sutil que permeia o espaço.

No O Livro dos Espíritos consta a existência do fluido cósmico, o elemento primordial de todas as coisas e que André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, chama de “plasma divino, elemento primordial onde vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano”.

Os conceitos de éter e de fluido cósmico são muito semelhantes. Contudo, a idéia do éter foi abolida após algumas experiências realizadas no final do século XIX visando detectar o éter se mostraram infrutíferas e tal idéia foi abolida.

Será que o fluido cósmico também não existe? Tentaremos responder a esta pergunta um pouco mais tarde, primeiramente é necessário melhor entendimento do fluido cósmico.

Na tentativa de definir um pouco melhor a idéia do fluido cósmico, Kardec questiona aos Espíritos:

**33. *A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?***

“Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!”

Em decorrência desta resposta, muitas perguntas podem ser formuladas, tais como: Aí, nos perguntamos: Como pode um tipo de matéria assumir as mais variadas propriedades? Existem cadeiras feitas de plástico e mesas de madeira, como podem ter a mesma origem? A cadeira e o corpo humano teriam a mesma origem? Ambos seriam feitos da mesma matéria elementar?

Esta idéia, a princípio parece um pouco desconexa, mas através de uma análise mais detalhada poderemos observar que até mesmo no “nosso mundo”. É preciso ressaltar que até mesmo o mundo extracorpóreo é nosso também, mas estamos nos referindo ao denominado mundo material, aquele que estimula os sentidos físicos.

Tomemos como primeiro exemplo o carvão e o barro. Adicionando água suficiente, ao barro ficará mole, facilmente moldável, como em tantas peças de barro feitas artesanalmente. Em contrapartida, o carvão é rígido. O barro tem coloração avermelhada enquanto o outro é de cor negra; o carvão é combustível, produz calor, o outro não.

Percebe-se através desta rápida análise que estes materiais são completamente diferentes entre si e pode-se até duvidar que sejam provenientes da mesma matéria

elementar. É fácil de entender que o carvão é matéria combustível e o barro é matéria dúctil, pois são substâncias completamente diferentes, e é possível reconhecer um e outro a olho nu, porém, a comparação entre diamante e carvão pode não ser tão simples quanto parece à primeira vista.

Novamente, é muito fácil distingui-los entre si, basta uma análise visual. Todavia, uma análise física e química do carvão e do diamante pode conduzir a conclusões muito interessantes.

De um lado, como as principais características do carvão, se pode mencionar a coloração negra e a maciez; por outro lado, como as principais características do diamante, se pode mencionar o fato de não possuir coloração, pois este é incolor, como a água, e é a mais dura substância que ocorre naturalmente. Em termos financeiros se pode mencionar o altíssimo preço de um cristal de diamante e o preço insignificante de um pedaço de carvão. No entanto, a análise química revela que ambos são constituídos por átomos de carbono.

Como podem grupos diferentes de um mesmo elemento apresentar características tão marcadamente distintas? No caso do carvão e do diamante a estrutura do cristal é a responsável pelas diferenças. O carvão possui estrutura polimérica bidimensional, cada átomo de carbono está ligado a outros três átomos de carbono, semelhantes a lâminas ou camadas como mostra a Figura 1 (A), enquanto que o diamante possui estrutura cristalina tetraédrica, cada átomo de carbono está ligado a outros quatro átomos de carbono de forma tridimensional, como mostra a Figura 1 (B).

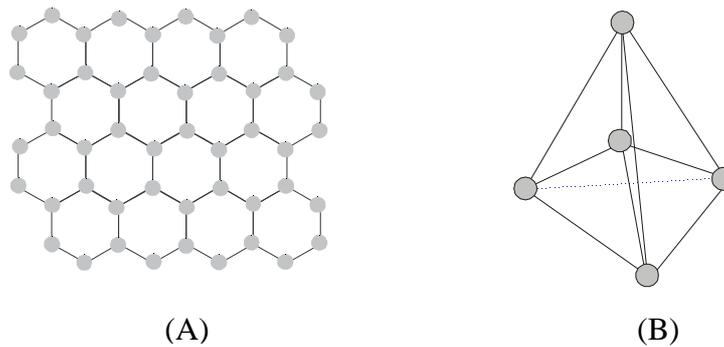


Figura 1: (A) Estrutura cristalina de uma camada de grafite e (B) estrutura cristalina do diamante. Os círculos representam os átomos de carbono enquanto que as linhas representam as ligações entre estes átomos.

É interessante ressaltar que o carvão pode se transformar em diamante quando submetido a uma temperatura de  $1600^{\circ}\text{C}$  aplicando-se uma pressão de 50000 – 60000 atmosferas. Relembrando a alquimia, antiga técnica que se dedicava ao estudo de descobrir uma forma de transmutar metais ordinários em ouro e prata, se fosse possível reproduzir as condições encontradas no interior do globo terrestre, se poderia transformar o tão ordinário carvão no tão precioso cristal, o diamante.

O exemplo do carvão e diamante serve para mostrar que mesmo no nosso mundo, com substâncias capazes de impressionar os nossos sentidos, um mesmo elemento químico pode assumir propriedades completamente diferentes dependendo somente de como seus átomos são organizados.

Se tentarmos selecionar substâncias que mais se aproximariam dos adjetivos etéreo e sutil, certamente a melhor escolha seriam os gases. O hidrogênio seria a substância mais simples que conhecemos, seguindo em ordem crescente estaria o hélio, nitrogênio e o oxigênio, gás tão necessário a manutenção da vida no planeta, seria a quarta mais etérea substância conhecida.

O elemento químico oxigênio apresenta particularidades bastante interessantes: a) dois átomos de oxigênio quando unidos formam a molécula do oxigênio gasoso, que por si só é essencial na manutenção da vida no planeta, como afirmado acima; b) sob a ação de raios ultravioleta, emanados do nosso sol, a molécula de oxigênio ( $\text{O}_2$ ) se dissocia, re-combinando em uma proporção de três átomos por molécula formando assim o ozônio ( $\text{O}_3$ ) que se concentra nas camadas mais elevadas da atmosfera terrestre filtrando este raio ultravioleta que pode provocar câncer de pele; c) qualquer queima somente pode ocorrer na presença do oxigênio, em outras palavras, no automóvel é

necessário a presença de oxigênio para funcionar, o mesmo ocorre com o fogão nas cozinhas, termoelétricas e etc. e; d) da queima do hidrogênio forma-se a água, composta por dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio.

Na água, tanto o hidrogênio quanto o oxigênio perdem as características dos gases iniciais, dando origem a novas características também tão necessárias a manutenção da vida, constitui de 50% a 90% da massa dos organismos vivos. No entanto, se variarmos as condições da reação poderemos produzir a água oxigenada, composto altamente corrosivo que é fatal se ingerido, proporcionando uma forma terrível de desencarnação.

Diante do exposto, estaremos mais aptos a entender algumas respostas dos Espíritos às questões de Kardec. Iniciando pela questão 30 de O Livro dos Espíritos [3], quando Kardec pergunta:

***30. A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?***

“De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva.”

Correlacionando os exemplos do carvão e diamante, do gás oxigênio e ozônio, da água comum e água oxigenada, materiais conhecidos, fica mais fácil compreender que uma matéria primitiva possa ser o componente básico de todos os diversos tipos de matéria. Isso pode ser verificado pela questão número 31 de O Livro dos Espíritos:

***31. Donde se originam as diversas propriedades da matéria?***

“São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias”.

É possível verificar uma grande semelhança com o que ocorre com o carvão e diamante.

Seriam então os átomos de hidrogênio, carbono e oxigênio, por exemplo, as “moléculas primitivas” à que os Espíritos se referem? Para responder está pergunta é preciso analisar a estrutura dos átomos.

Penetrando nas estruturas dos átomos de hidrogênio e oxigênio, que são os constituintes dos gases, perceberemos que são compostos de partículas ainda menores: um próton e um elétron formam o átomo de hidrogênio e oito prótons, oito nêutrons e

oito elétrons formam o átomo de oxigênio. São as proporções destas partículas que diferenciam as propriedades químicas apresentadas por cada elemento, da mesma forma como ocorre com o gás oxigênio e o ozônio.

Aprofundando ainda mais no estudo da estrutura da matéria comprovaremos que os prótons e nêutrons ainda não são a matéria primitiva, pois estes são formados de partículas ainda menores que, dependendo das suas proporções, imprimem esta ou aquela propriedade. Atualmente, segundo a ciência acadêmica, o elétron é considerado como partícula elementar. Pode-se, então, supor que o número de partículas elementares seja infinito e que apenas conheçamos um número finito de partículas ou que as partículas consideradas elementares não sejam, na realidade, elementares, mas compostas. Esta última possibilidade estaria mais em acordo com o ensinamento dos Espíritos.

É certo que ainda estamos muito longe de compreender as leis que regem o Universo e isso inclui as leis que regem as reações e comportamentos do fluido cósmico, contudo, pelo que é possível conceber atualmente, pode-se extrapolar o conhecimento das leis físicas e químicas que regem a matéria na esfera dos encarnados para as “leis físicas e químicas” que regem a matéria na esfera dos desencarnados.

Sendo assim, pode-se conceber o comportamento do fluido cósmico nas suas mais variadas transformações nos vários estágios desde a sua forma mais sublime até a matéria mais grosseira que formam os mundos. Aos fluidos mais próximos da materialidade, Kardec, em A GÊNESE, denomina de *atmosfera espiritual do planeta* ou, simplesmente, *fluidos espirituais*.

Uma importante particularidade destes fluidos é que eles são trabalhados pelo pensamento, isto é, a ação do pensamento dá as características ao fluido. Imaginemos, então, uma pessoa preparando o alimento enquanto está com a mente envolvida em pensamentos perniciosos de desamor, aflição e ódio, somente poderá impregnar o alimento com fluidos deletérios e negativos ou mesmo durante a refeição, se estivermos envoltos em brigas e discussões ou em pensamentos negativos estaremos envenenando a comida que ingerimos.

É claro que no nosso nível evolutivo ainda é muito difícil mantermos o pensamento elevado durante todo o tempo, mas se conseguirmos reservar algumas horas do dia para este exercício já seria um grande passo. Durante as refeições ou ao ingerir um copo com água, por exemplo, seriam bons momentos para este exercício. Talvez com esses pequenos gestos possamos estar tornando a nossa própria vida melhor e a

vida das pessoas que nos cercam.

## CAPÍTULO VI – O que somos nós?

Mantendo uma ótica materialista e analisando a pergunta acima, em conformidade com uma ciência estreita e egocêntrica, a resposta para tal pergunta seria: Nós somos um amontoado de carne.

A grande maioria da população terrestre é espiritualista, contudo, a idéia materialista ainda persiste. Analisando a questão da morte sob uma visão tão restritiva quanto o materialismo, percebe-se que os seus adeptos, ao olharem para frente, isto é, o futuro, e pensar que nada os aguarda além do completo e irrevogável fim, devam sentir uma profunda frustração.

Estamos aqui, vivendo neste momento, e pode ser que, no momento seguinte, a morte nos espere e então não existamos mais, nada mais resta de nós neste mundo a não ser a lembrança de algumas pessoas, que o tempo se encarregará de exterminá-las.

Que podem os seres humanos buscar da vida diante deste quadro desolador?

A nosso ver, esta é uma situação desesperadora, pois de que adiantaria trabalhar em prol de uma evolução que já tem data para terminar sem deixar vestígios? A visão da morte é chocante provoca horror e medo. Esta é a mola que impulsiona as pessoas que possuem uma visão materialista a buscar nas paixões terrenas um sentido para a vida, para se completarem e saciarem a busca do algo mais, contudo, esta é uma busca incessante, pois não se encontra na matéria o que realmente o espírito necessita para se satisfazer.

Mas, felizmente, a grande maioria possui a noção de ser um espírito.

Vários são os questionamentos sobre a origem, características e destino dos espíritos e a Doutrina Espírita é muito esclarecedora com relação a este assunto. A característica principal do espírito é ser imortal e a segunda mais importante é a possibilidade de encarnar várias vezes, a reencarnação.

A partir do momento em que se passa a ver Deus como sendo infinitamente justo e bom a idéia da imortalidade dos espíritos surge naturalmente, pois, como diz Kardec, no livro A Gênese, Deus não teria as qualidades a ele atribuídas se criasse seres para padecerem por algum tempo e, depois, deixarem de existir sem nenhuma compensação. Portanto, apesar de muitos não saberem conscientemente que são seres imortais, o sabem mesmo que inconscientemente.

Pelo mesmo motivo não se poderia conceber a encarnação única na vida de um espírito. É fácil de perceber que a imortalidade significa que a vida perdurará para

todo o sempre, o que é muito tempo. Seria um ato injusto que um ser, por ter errado durante uma existência, que é uma parcela ínfima quando comparado com todo o sempre, padecer no fogo do inferno para sempre, como sugerem ainda muitas vertentes de pensamento religioso.

Juntamente com o conhecimento sobre a existência e as características de Deus, a idéia de que somos espíritos é fundamental para as nossas vidas.

O conhecimento da “vida além da vida” incita o indivíduo a enfrentar as aflições e angústias sabendo que, mesmo após a morte física, haverá sempre um amanhã. O conhecimento da bondade Divina nos diz que este amanhã será radioso, pois nenhum pai deixa seus filhos ao abandono.

Nesta abordagem sobre a vida contínua o suicídio perde completamente o sentido. As pessoas cometem o suicídio para terminarem com o sofrimento e angústias, porém, é capaz apenas de por fim a vida do corpo físico, mas não é o corpo que sente as aflições. Acabar com o corpo não é sinônimo de terminar com as aflições que somente podem ser solucionadas ou amenizadas através do estudo e a aceitação atuante.

Todavia, ainda resta uma grande questão: Porque necessitamos dos padecimentos?

Os padecimentos são decorrentes da alternância da matéria, sua impermanência, e do exercício dos sentimentos ainda de origem inferior. Através do trabalho incessante para domar os comportamentos perniciosos é que o espírito, evoluindo, se libertará do sofrimento.

A romagem terrena tem por finalidade a depuração do espírito, libertando-o dos sentimentos inferiores, da busca do prazer físico e da felicidade fictícia.

Contudo, surge, então, outra pergunta: Porque Deus não criou os espíritos já evoluídos? Para que tanto trabalho? E, além disso, o mau não existiria.

É verdade que, se Deus houvesse criados os espíritos perfeitos, todos somente fariam o bem, mas Ele quis que ficássemos sujeitos a lei do progresso e que, este progresso, resulte do nosso trabalho, para que tenhamos o mérito das conquistas. Mas por quê?

Uma explicação razoável é que, sendo Deus infinitamente justo, não poderia Ele mesmo decidir quais características daria a um espírito e quais daria a outro, pois incorreria no erro de decidir os gostos de cada indivíduo e as atividades de cada um, o que seria incoerente com sua soberana justiça.

Outra opção seria criar todos os Espíritos perfeitos, mas completamente iguais, cópias fiéis um do outro, verdadeiros clones, na real acepção da palavra, compartilhando pensamentos, gostos e atitudes. Isso seria completamente fora de propósito e sem nenhum sentido.

Por ser infinitamente justo, Deus realmente cria todos exatamente iguais, mas na condição de simples e ignorantes e, o mais importante, tendo toda uma caminhada pela frente para cada um evoluir e, através do livre arbítrio, desenvolver as qualidades, virtudes e pensamentos pessoais. Chegando final da caminhada, embora perfeitos e em comunhão com Deus, diferentes em aptidões, para tomar, cada um, a sua posição na grande oficina da criação.

O avanço do conhecimento humano, especialmente durante o século XX, é surpreendente e já conquistou tantos feitos extraordinários, tais como a conquista do espaço, máquinas como a tomografia computadorizada, que são capazes de “fotografar” o interior do nosso corpo na busca de diagnosticar doenças, com o avanço da tecnologia podemos nos comunicar com qualquer parte do mundo como se estivéssemos na mesma sala, trocando informações de todos os níveis, seja falada, visual ou escrita.

Apesar de nos considerarmos seres tão fantásticos, nossa visão ainda é muito restrita; nossos sentidos ainda são muito limitados mesmo com a ajuda de toda a tecnologia disponível; nossa mente é capaz de feitos prodigiosos, mas ainda é limitada para compreender como o universo é concebido, não estou aqui falando apenas da sua formação, mas todos os mecanismos que são utilizados na sua manutenção, as leis químicas e físicas que regem o planeta. Acima de tudo, não compreendemos as leis a que a humanidade está sujeita e não falamos das leis sociais, aquelas que existem para disciplinar o povo no que toca a vida em sociedade, que por si mesma, é transitória e imperfeita em muitos aspectos, mas da Lei de Deus.

Ainda vemos as coisas com a nossa pouca visão, capaz apenas de olhar para nossos próprios interesses e temos a tendência de rotular como mal ou injusto tudo aquilo que vai contra esses interesses. Quando a humanidade estiver em condições de apreciar a sabedoria de Deus e que tudo tem sua utilidade, certamente aceitará os fatos sem revolta.

Em resumo:

O que somos?

Espíritos.

Principal característica?

A imortalidade.  
Nosso futuro?  
A perfeição.  
Nossa origem?  
Criados por Deus, o pai de todos nós.

Duas outras questões, dentre tantas, podem ainda ser formuladas: a) Como somos criados? e b) De que somos formados?

Para responder a estas questões recorreremos ao O Livro dos Espíritos:

**81. Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros?**

*“Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela Sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.”*

**82. Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais?**

*“Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.” Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as idéias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação.*

## CAPÍTULO VII - Expição, punição, reajuste...

*Quando o Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence", não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpra, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações...*

O Evangelho Segundo O Espiritismo

É facilmente observável que, seja qual for o nome que se deseje dar, o Espírito vivente em um mundo de expiação e provas passa por situações desagradáveis, uns em maior escala que outros. Por isso que, n'O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, intitulado "Bem Aventurados os Aflitos", mais especificamente no item 20, há uma mensagem ditada por um dos espíritos responsáveis pela elaboração da Doutrina Espírita, mensagem esta intitulada "A Felicidade Não É Deste Mundo", inspirada no Eclesiastes d'O Velho Testamento.

Analisando o ser humano percebe-se ser um comportamento muito natural em adolescentes é a tendência a não escutar instruções dos mais velhos, acarretando, muitas vezes, erros que podem ser graves, trazendo dores e sofrimentos, aparentemente, desnecessários. O mesmo ocorre, inclusive, na fase adulta, quando muitas vezes não se dá a importância devida a ensinamentos que levariam a uma mudança de comportamento e, conseqüentemente, minoração das aflições.

Muitos se perguntam sobre a necessidade do sofrimento, questionam a bondade de Deus nas horas em que se encontram ou vêem outros em apuros, dores inimagináveis, perdas de pessoas que lhe são caras, etc. Por que tanto sofrimento e qual o seu mecanismo de ação?

Kardec diz que “Tendo o homem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los. Se ele nada houvesse de temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; o espírito se lhe entorpeceria na inatividade; nada inventaria, nem descobriria. A dor é o aguilhão que o impele para frente, na senda do progresso”<sup>7</sup>. Portanto, o sofrimento é necessário para o homem.

Ainda sobre a necessidade do sofrimento, León Denis diz que “A dor é uma advertência necessária, um estimulante à vontade do homem, pois nos obriga a concentrarmos para refletir e forçar-nos a domar as paixões. A dor é o caminho do aperfeiçoamento”<sup>8</sup>.

Todavia, ainda resta responder a questão do mecanismo de ação do sofrimento sobre a renovação moral daquele que sofre. Não é tarefa fácil e nem se tem à pretensão de apresentar uma resposta final, contudo, buscando apenas trazer alguma luz sobre o assunto, podem-se extrapolar os mecanismos de certos processos conhecidos para a situação em questão. A renovação moral é um processo de transformação quando se passa de um estado vibratório mais baixo para outro mais elevado e, por sua vez, o perispírito se torna mais sutil. Este é o processo de evolução, sair de padrões vibratórios baixos e perispírito denso para padrões vibratórios mais elevados e perispírito mais sutil.

André Luiz diz que “Reconhecemos que toda criatura dispõe de oscilações mentais próprias, pela quais entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou encarnadas que lhe afinem com as inclinações e desejos, atitudes e obras, no quimismo inelutável do pensamento”<sup>9</sup>.

Ainda no mesmo capítulo, André Luiz afirma, com relação ao Espírito nos estágios mais baixos da evolução que “Ele mesmo opera a retração da onda mental que o personaliza, repelindo as vibrações que o inclinam ao burilamento sempre difícil e a expansão laboriosa, para deter-se no reino afetivo das vibrações que o atraem, onde encontra os mesmos tipos de onda dos que se lhe assemelham, capazes de entreter-lhe a egolatria, no gregarismo das longas simbioses em repetidas reencarnações de aprendizagem.”

---

<sup>7</sup> Kardec A.; “A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo”; 36ª edição, FEB, 1995.

<sup>8</sup> Denis, L.; “Cristianismo e Espiritismo”; 10ª edição, FEB, 1994, Cap. 11, pg 248.

<sup>9</sup> André Luiz; “Mecanismos da Mediunidade” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15ª edição, FEB, 1997, cap. XVII.

Compreende-se, então, que a mudança de padrão vibratório significaria a mudança das ondas mentais. No mesmo livro, Cap. IV, André Luiz classifica o pensamento das criaturas ou fluxo energético do campo espiritual pelo comprimento de onda a que se exprimem; as legiões angélicas se exprimiriam por ondas super-ultra-curtas, enquanto que a mente humana se manifesta por a) ondas curtas quando se encontra em estado de emoções profundas, dores indizíveis e súplicas aflitivas, estas ondas possuem um imenso poder transformador do campo espiritual; b) ondas médias quando se encontra em estado de reflexão e oração, correspondendo à produção de luz interior e; c) ondas longas quando se encontra em estado normal, isto é, no estado em que o ser se estabiliza após momento de sofrimento ou de oração, ou seja, o seu padrão vibratório característico.

Ainda no Cap. IV, André Luiz compara a matéria mental com a matéria física dizendo: “Assim considerando, a matéria mental, embora em aspectos fundamentalmente diversos, obedece a princípios idênticos àqueles que regem as associações atômicas, na esfera físicas, demonstrando a divina unidade de plano do Universo.”

De tudo o que foi dito acima se pode ressaltar os seguintes pontos:

- a) O sofrimento é necessário para a evolução do Espírito;
- b) A evolução acarreta mudança do equilíbrio vibracional;
- c) Existe uma relação entre matéria mental e matéria física.

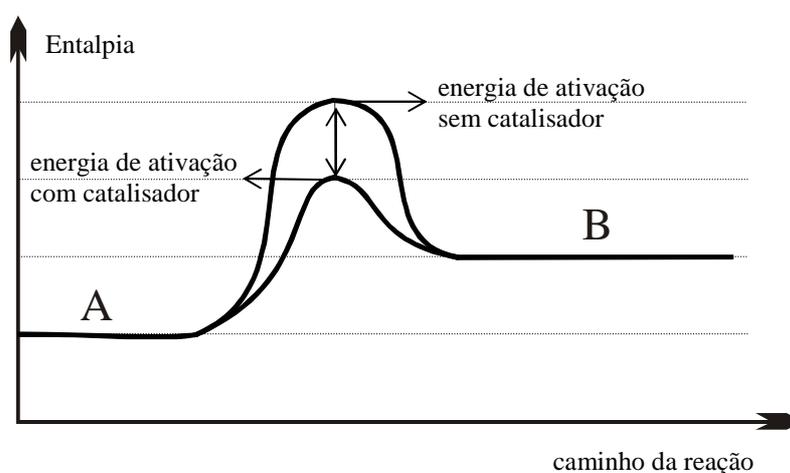
Visando clarear a questão do mecanismo de ação do sofrimento proporcionando a mudança de estado vibratório, o presente estudo se baseará nas leis que regem as reações químicas, mais precisamente no efeito de catalisadores sobre o equilíbrio das reações. Em ambas as situações, ação do sofrimento e ação dos catalisadores, existem um estado de equilíbrio que pode ser alterado por agentes introduzidos no sistema. Para este entendimento é apresentada a seguir, de forma muito simplificada, explicação e definições estritamente necessárias:

- a) Os fatores que determinam a ocorrência de uma reação química são a afinidade química e energia de ativação;
- b) Energia de ativação é a menor quantidade de energia que deve ser fornecida às substâncias para que haja a ocorrência da reação;

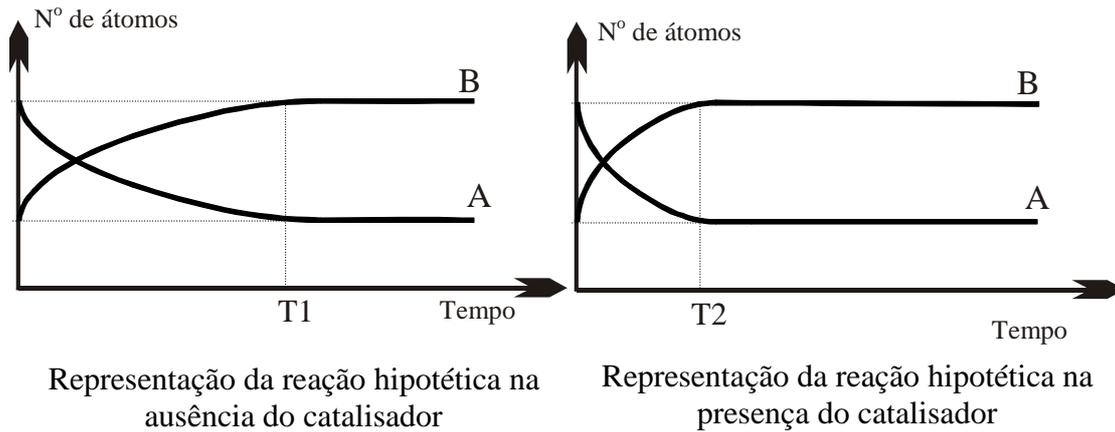
- c) A entalpia é a energia contida em uma substância e a variação da entalpia de uma reação química é dada pela diferença dos níveis de energia antes e depois da reação.
- d) Catalisador é substância que possui a propriedade de acelerar uma reação pela diminuição da energia de ativação.

Partindo das definições apresentadas anteriormente, tomemos como exemplo a reação hipotética da substância A transformando-se na substância B, assumindo que haja a predisposição para a reação e que a substância A tenha uma quantidade de energia menor que a substância B, assim, o resultado da reação terá mais energia; para que a reação ocorra é necessário ceder ao sistema uma quantidade de energia igual ou maior que a energia de ativação.

Pode-se observar na figura a seguir que a energia de ativação necessária para que a reação ocorra é menor na presença do catalisador, isto é, a reação se processa mais facilmente.



Nas figuras a seguir estão as representações esquemáticas do processo de uma reação hipotética, em função do tempo, tanto na ausência quanto na presença do catalisador. Pode-se observar que a reação, na presença do catalisador, atinge novo estado de equilíbrio em um intervalo tempo menor.



Para que determinada reação química ocorra é necessário que haja uma predisposição (afinidade química) das substâncias envolvidas para que a reação seja viável. No processo da reação será preciso transpor uma barreira energética (energia de ativação), possível apenas, com a assimilação de energia para, logo em seguida, atingir outro estado de equilíbrio.

Toda substância possui certa quantidade de energia contida em sua estrutura, portanto, em uma reação química, a soma da entalpia das substâncias reagentes não necessariamente será igual a soma da entalpia das substâncias formadas, há reações em que a soma da entalpia final é maior que a entalpia inicial, finalizando em níveis de energia mais altos (entalpia); com a utilização de fatores externos (catalisador) pode-se acelerar um processo que iria certamente ocorrer, mas, em um tempo mais longo.

Ao comparar o que foi apresentado anteriormente com o processo de evolução do espírito podem-se encontrar várias similaridades.

Vejamos, então, algumas questões d'O Livro dos Espíritos.

**781. Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso?**

*“Não, mas tem, às vezes, o de embaracá-la.”*

**785. Qual o maior obstáculo ao progresso?**

*“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se*

*prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Curta, porém, é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura.”*

**116. Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores?**

*“Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?”*

**783. Segue sempre marcha progressiva e lenta o aperfeiçoamento da Humanidade?**

*“Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto deveria, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.”.*

Comparando as questões acima com as conclusões derivadas da análise do mecanismo das reações químicas pode-se dizer que a Questão 781 mostra a predisposição do espírito à evolução; a Questão 785 mostra a barreira que o espírito precisa transpor, o orgulho é considerado pelos Espíritos como a maior chaga da humanidade<sup>10</sup>, possível apenas com grandes esforços e muito trabalho, para, a cada etapa, adquirir forças suficientes para o próximo passo; a Questão 116 mostra que o espírito evoluirá independente da sua vontade atingindo, cada vez, estágios superiores e, assim, níveis mais altos do seu padrão vibratório; e a Questão 783 mostra agentes externos acelerando um processo que certamente ocorreria, mas em um longo período de tempo.

Ainda n’O Livro dos Espíritos, Kardec pondera sobre a questão 783, explicando, em poucas palavras, o processo da evolução e o papel do sofrimento:

---

<sup>10</sup> O Livro dos Espíritos, Cap.XII, questão 913.

“O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas idéias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações.

“Nessas comoções, o homem quase nunca percebe senão a desordem e a confusão momentâneas que o ferem nos seus interesses materiais. Aquele, porém, que eleva o pensamento acima da sua própria personalidade, admira os desígnios da Providência, que do mal faz sair o bem. São a procela, a tempestade que saneiam a atmosfera, depois de a terem agitado violentamente.”

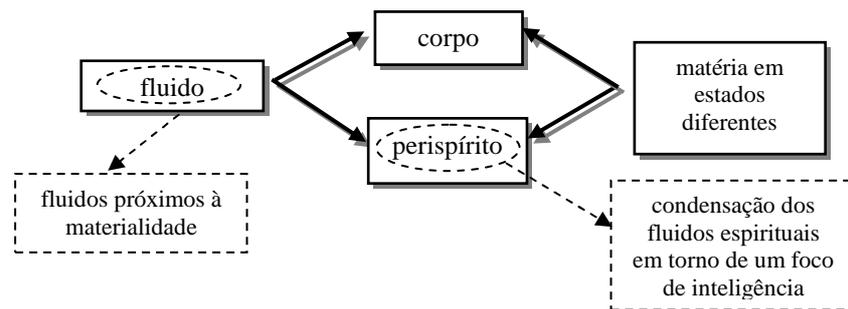
A única certeza que o espírito possui é que um dia chegará a perfeição, para isso, cada um escolherá o caminho que deseja seguir, os que fizerem bom uso do seu livre arbítrio galgarão estágios mais evoluídos com o mínimo de sofrimento e dor, mas aqueles mais renitentes terão que sofrer o ajustamento necessário. Em outras palavras, em alguns, que possuem força o suficiente, o processo se dará mais suave com pouca necessidade de agentes externos para acelerarem o processo, mas noutros, onde a vontade ainda é tímida, haverá a necessidade de agentes externos em largas doses para estarem em condições de ultrapassar as barreiras.

Contudo, relembro o texto retirado do Evangelho no início do estudo, salientando que “Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta”. Conclui-se, então, que nos casos em que a prova não for devidamente suportada a ação do catalisador apresentada na Figura 1, onde mostra uma diminuição da barreira a transpor, terá comportamento inverso, com a barreira aumentando quanto maior for o desânimo.

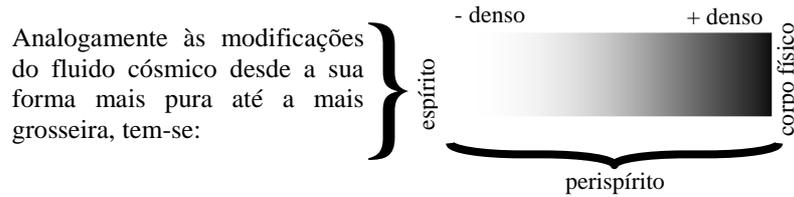
## CAPÍTULO VIII - O Perispírito

Pode-se definir o espírito como algo muito quintessenciado e a matéria da Terra como extremamente densa. Como poderia algo tão sutil como o espírito interagir com algo tão grosseiro como a matéria? Aí é que entra o perispírito, serve de ligação, de ponte, entre os dois extremos.

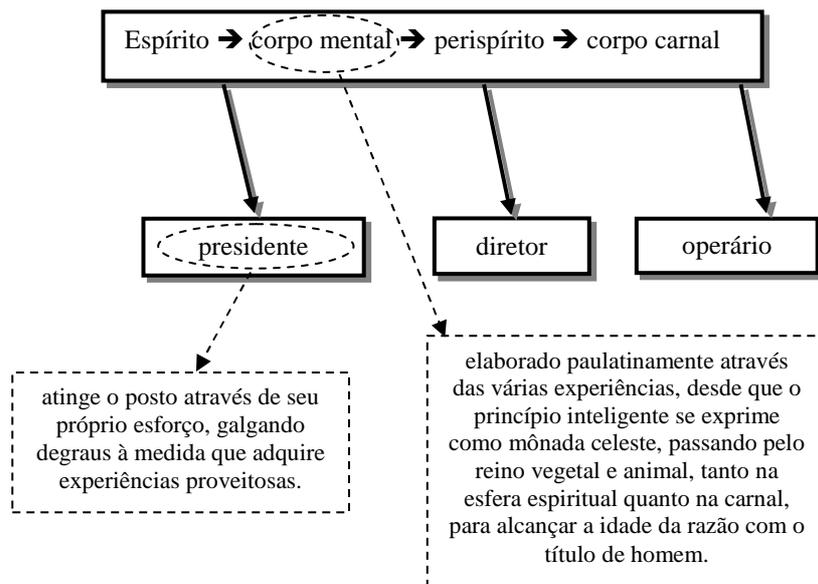
No livro A GÊNESE, Kardec informa que o perispírito é uma condensação dos fluidos espirituais em torno do foco de inteligência ou alma; o corpo perispirítico e o corpo carnal são matéria em estados diferentes e tem sua origem no mesmo fluido cósmico. Diz ainda que os espíritos viventes em um ambiente qualquer formam seus perispíritos das partes mais ou menos puras do fluido espiritual, dependendo do grau de evolução de cada um, isto é: a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra. O esquema abaixo apresenta a relação fluido-perispírito-corpo físico.



Por analogia às modificações do fluido cósmico desde a sua forma mais pura até a mais grosseira, podemos compreender que a composição do perispírito de um mesmo Espírito e, conseqüentemente a sua densidade, deva também variar seguindo um sistema de camadas, onde as camadas mais sutis do perispírito ficam mais próximas do Espírito e se adensam gradativamente até entrar em contacto com o corpo físico. A camada mais exterior, a mais densa, chamada de “duplo etérico”, se dissipa quando se dá a morte do corpo físico.



Na trindade: espírito, perispírito e corpo físico, o Espírito é detentor do corpo mental, que preside a formação do perispírito e este, por sua vez, preside a formação do corpo carnal. Colocando-se em escala hierárquica comparativamente a uma indústria do planeta, pode-se dizer que o corpo mental é o presidente, o perispírito é o diretor e o corpo físico é o operário. Esta relação é representada esquematicamente abaixo.



Da mesma forma que o presidente de uma indústria atinge o posto através de seu próprio esforço, galgando degraus à medida que adquire experiências proveitosas, o corpo mental é elaborado paulatinamente através das várias experiências vivenciadas desde que o espírito se exprime no mundo como mônada celeste, passando pelo reino vegetal, pelo reino animal, tanto na esfera espiritual quanto na esfera carnal, para, ao final, alcançar a idade da razão com o título de homem.

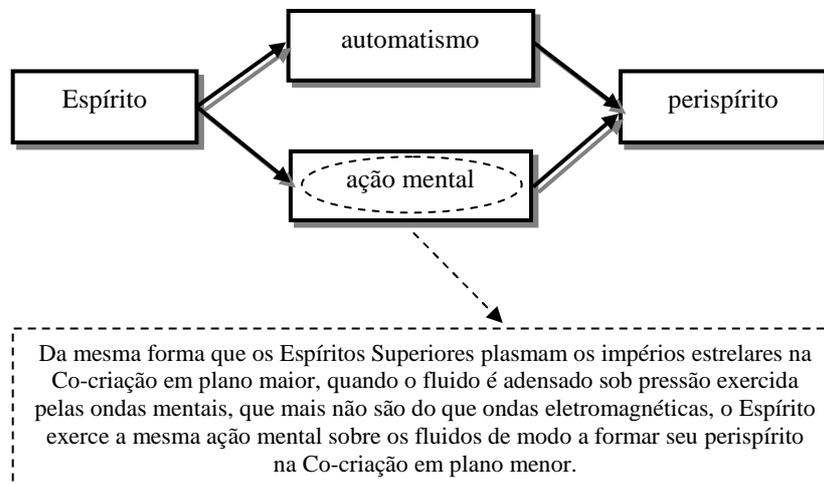
Assim, pode-se entender o que diz André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, Capítulo III, *Evolução no Tempo*:

*É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada no Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo...*

Ainda no mesmo livro, Capítulo IV, lê-se:

*Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre.*

O gerenciamento da formação do perispírito é uma das funções do automatismo adquirido ao longo da existência do espírito, cuja ação sobre o fluido espiritual é puramente psíquico. Da mesma forma que os Espíritos Superiores plasmam os impérios estelares, na Co-criação em plano maior, como descreve André Luiz, quando o fluido é adensado sob pressão exercida pelas ondas mentais, que mais não são do que ondas eletromagnéticas, o espírito exerce a mesma ação mental sobre os fluidos, de modo a formar seu perispírito na Co-criação em plano menor. Abaixo é apresentada esquematicamente a relação de formação do perispírito.



Partindo do princípio que o perispírito é elaborado devido a processos psíquicos e que o corpo físico reflete o corpo espiritual, desta feita, as funções fisiológicas do corpo humano estão diretamente relacionadas com a harmonia ou desarmonia mental do espírito, dentro das leis de causa e efeito.

No mundo atual, em que tanto se fala na genética e que a hereditariedade é transmitida pelos genes que compõem os códigos da molécula de DNA, localizada nos cromossomos, e estes, por sua vez são localizados nas células, poderíamos inferir a existência de mecanismos similares na transmissão das características do perispírito para o corpo físico, características estas necessárias para encarnação do espírito.

Joanna de Angelis, no livro *Dias Gloriosos*, Capítulo 5, diz que os sentimentos de baixo teor vibratório estimulam a produção de toxinas de alto teor hormonal, capazes de modificar os códigos do DNA.

Do modo semelhante, sentimentos de alto teor vibratórios geram harmonia, energizando as células, proporcionando meios para reagirem positivamente às suas próprias deficiências assim como a ação de agentes estranhos ao organismo.

Isto é facilmente verificável seguindo à lógica e a razão como nos ensina Kardec. As regras comportamentais ensinadas por Jesus, apresentadas e explicadas no Evangelho Segundo o Espiritismo, proporcionam uma renovação espiritual que conduzem a mudanças de hábito mental, atribuindo novas qualidades ao fluido que emana da mente, proporcionando renovação também no perispírito que, por sua vez, como já vimos, refletir-se-á no corpo físico.

Este ensaio é uma tentativa de elaborar um estudo sobre a composição, formação, função e manutenção do perispírito, fechando assim o círculo. Talvez se tivermos ao menos uma noção de como a renovação interior pode alterar os nossos caminhos para melhor, tenhamos incentivos para caminhar em busca da vida espiritual, nós, ainda tão renitentes e apegados à vida material.

## CAPÍTULO IX - Manifestações físicas

*Demonstrada, pelo raciocínio e pelos fatos, a existência dos Espíritos, assim como a possibilidade que têm de atuar sobre a matéria, trata-se agora de saber como se efetua essa ação e como procedem eles para fazer que se movam as mesas e outros corpos inertes...*

### O LIVRO DOS MÉDIUNS

Entende-se por manifestação física aquelas que produzem um efeito sensível a um ou mais dos cinco sentidos, que são: tato, audição, visão, olfato e paladar. Neste estudo, nos ateremos mais precisamente a manifestações através de ruídos, movimentos e deslocação de corpos sólidos, fenômenos relativos às mesas girantes que atraiu tanta atenção da sociedade à época da Codificação.

Como o próprio Kardec coloca, o primeiro pensamento que vem à mente quando deparados com uma mesa se movendo seria que o espírito movimenta o objeto utilizando, nada mais e nada menos, que as próprias mãos como qualquer pessoa o faria. Contudo, os espíritos que trabalharam na codificação da Doutrina Espírita esclarecem que o mecanismo de atuação é outro, um tanto mais complexo, mas, no entanto, partem do mesmo ponto que é um efeito da vontade e se utilizam da mesma ferramenta que é o perispírito.

Todos os fenômenos têm por base o fluido e, portanto, é necessário recordar seus princípios básicos. Recorrendo ao O Livro dos Espíritos tem-se:

*33. A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?*

*“Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo”.*

Sendo assim, pode-se conceber o comportamento do fluido nas suas mais variadas transformações dos vários estágios desde a sua forma mais sublime até a matéria mais grosseira que formam os mundos.

N’O Livro dos Médiuns, Capítulo IV, Kardec trata sobre a teoria das manifestações físicas e no Item 74, Questão V, o espírito conhecido como São Luís esclarece que a forma mais sutil do fluido encontrado no nosso mundo é o *fluido magnético animal*. O fluido magnético animal, fluido vital ou princípio vital é o responsável pela vitalidade da matéria; é ele que lhe dá a possibilidade de movimento e atividade sem, com isso, significar que o fluido vital seja o agente de comando do movimento, ou seja, o agente intelectual.

Como primeiro ponto a ser ressaltado para o entendimento das manifestações físicas pode-se concluir que todo e qualquer movimento de um corpo material só é possível quando este corpo se encontra “embebido” com fluido vital; entende-se por “corpo material” qualquer objeto, seja orgânico ou não (como uma mesa ou o corpo físico, por exemplo).

Pode-se analisar a inter-relação do corpo orgânico com o espírito e, para isso, recorre-se mais uma vez à obra primeira da codificação, O Livro dos Espíritos, salientando algumas questões nele contidas:

*135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?*

*“Há o laço que liga a alma ao corpo.”*

*135a. De que natureza é esse laço?*

*“Semimaterial, isto é, de natureza intermediária entre o Espírito e o corpo...”*

Kardec sintetiza na nota de rodapé:

*O homem é, portanto, formado de três partes essenciais: 1<sup>o</sup> - o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2<sup>o</sup> - a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação; 3<sup>o</sup> - o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.*

Como segundo ponto a ser ressaltado, conclui-se que todo e qualquer movimento premeditado de um corpo material só é possível quando este corpo se encontra

embebido com o fluido vital e existe um laço que une o corpo ao espírito, este laço seria o perispírito.

Analisando os corpos inorgânicos ou minerais e os corpos orgânicos e, ainda, recorrendo ao livro *A Gênese*, Capítulo X, verifica-se que, do ponto de vista de seus constituintes, ambos são formados segundo as mesmas leis químicas e que são compostos dos mesmos elementos. Então, uma mesa e um corpo “de carne” são apenas objetos e, materialmente falando, podem ser considerados como sendo semelhantes.

Se há a necessidade do perispírito servindo de “ponte” para que o espírito possa obrar com o seu corpo “de carne”, poder-se-ia então dizer que há a necessidade do perispírito de um espírito servir também de “ponte” entre este espírito e um objeto qualquer, como uma mesa por exemplo, para que haja a manifestação. É o que São Luis quer dizer ao ser perguntado, na Questão número 74 d’O Livro dos Médiuns, se o espírito se coloca na substância dos corpos que move ou fora dela, ao responder que “Dá-se uma e outra coisa. Já dissemos que a matéria não constitui obstáculo para os Espíritos. Em tudo eles penetram. Uma porção do perispírito se identifica, por assim dizer, com o objeto em que penetra”. Isto não significa que o Espírito “incorpore” na mesa, mas que ocorre uma ligação fluídica.

Obviamente que no caso do Espírito encarnado a ligação do perispírito com o corpo físico ocorre “molécula a molécula”, isto é, com a ligação tão íntima que é o próprio perispírito, modelado pelo corpo mental, que molda o corpo físico. No caso da “ligação” do perispírito com uma mesa ocorre, temporariamente, uma identificação do perispírito com a matéria que constitui a mesa que seja o suficiente para que a ponha em movimento segundo a vontade do espírito.

O mesmo processo ocorre nos casos das batidas, isto é, ao invés de utilizar o fluido para mover um objeto, o espírito o utiliza para produzir sons como pancadas ou, até mesmo, na produção de sons articulados, quando a matéria não seria a que forma uma mesa, mas o próprio ar, que não deixa de ser matéria. A vida que o Espírito imprime a matéria é uma vida artificial de curta duração.

Devido à necessidade da identificação do perispírito do espírito com o objeto material em que ocorrerá a manifestação, o fato do perispírito de espíritos menos evoluídos serem mais densos que o perispírito de espíritos mais evoluídos, torna os primeiros mais aptos a realizarem os fenômenos físicos, por isso eram “utilizados” pelos mais adiantados quando, na época da codificação, ocorreram tantas manifestações desta espécie.

Quando se compara uma mesa e um corpo “de carne” verifica-se uma diferença existente entre eles, que é a presença do fluido vital. Os órgãos do corpo orgânico são postos em funcionamento impulsionados pela ação do fluido vital, daí por diante o funcionamento dos órgãos são responsáveis pela manutenção do fluido vital no organismo que por sua vez mantém os órgãos funcionando, em sistema cíclico até o desgaste natural destes órgãos.

E o fluido vital nas manifestações físicas? Qual seria a sua origem?

Esta é a explicação do porquê certos fenômenos só ocorrerem quando determinadas pessoas se encontram presente ou do motivo pelo qual os fenômenos físicos são intermitentes. O fluido vital é proveniente de um indivíduo capaz de doar fluidos, denominados de médiuns de efeitos físicos, pois esta substância compatível com a matéria densa não se encontra presente no espírito errante. Em outras palavras: a manifestação física só é possível quando há algum médium doador de fluidos de quem os espíritos possam se utilizar.

A exteriorização de fluidos por parte dos médiuns é puramente um processo mecânico, uma aptidão inerente, independentemente da idade, cultura ou aprimoramento da alma. Como toda habilidade, esta também necessita de um direcionamento para sua utilização, caso contrário, estará à mercê de espíritos inferiores que se valem desta faculdade para fins diversos. André Luiz diz que:

*Chegado a esse ponto, se a criatura deseja cooperar na obra do esclarecimento humano, recebe do Plano Espiritual um guarda vigilante – mais comumente chamado «o guia», segundo a apreciação terrestre-, guarda esse, porém, que, diante da esfera extrafísica, tem as funções de um zelador ou de um mordomo responsável pelas energias do medianeiro, sempre de posição evolutiva semelhante.*

O processo de atuação dos fluidos ainda é desconhecido na esfera de ação dos encarnados, sabe-se da sua existência, por informação dos espíritos, mas ainda não é possível de se compreender suas propriedades no atual nível evolutivo do globo terrestre. Contudo, conhecendo seus efeitos é possível de compará-los a processos conhecidos que produzem efeitos semelhantes e, assim, conceber sua atuação mesmo que não seja exata, mas de uma forma aproximada. Kardec, nos itens 78 e 79 d'O Livro dos Médiuns, segue esta linha de raciocínio.

Kardec compara os efeitos que o fluido causa na mesa quando esta se ergue, contrariando a lei da gravidade, com a pressão exercida pelo ar em uma campânula ou qualquer objeto em forma de sino. Quando esta campânula repousa sobre uma superfície qualquer, apenas a atração da gravidade atuará sobre o objeto e seu peso terá certo valor. Vale ressaltar que “peso” é o produto da massa de um corpo pela aceleração da gravidade, portanto, denominou-se este valor como sendo o peso inerente ao objeto de massa constante e sob força da gravidade constante.

Aplicando-se ar comprimido sob a campânula, esta se tornará aparentemente mais leve, isto é, seu peso inerente relativo diminuirá. A pressão do ar injetado será uma força extra, aplicada de baixo para cima; caso esta pressão seja constante e de intensidade suficiente, a campânula flutuará sem nenhum ponto de apoio e, caso a injeção de ar esteja oculta ao observador, a este parecerá que a campânula flutua sem que nenhuma força externa seja aplicada.

Caso o procedimento seja ao contrário, se ao invés da injeção haja uma retirada do ar, a pressão externa será maior que a pressão interna, também haverá o aparecimento de uma força extra, agora aplicada de fora para dentro; a campânula se tornará aparentemente mais pesada, isto é, seu peso inerente relativo aumentará. Da mesma forma, se o instrumento utilizado para a retirada do ar estiver oculto ao observador, este, que antes era capaz de levantar a campânula, agora não mais o será e parecerá que a campânula estaria presa a superfície.

Relacionando o efeito do fluido com o efeito do ar descrito acima, Kardec diz que:

*Por que então o fluido universal, que é o elemento de toda a Natureza, acumulado em torno da mesa, não poderia ter a propriedade de lhe diminuir ou aumentar o peso específico relativo, como faz o ar com a campânula da máquina pneumática, como faz o gás hidrogênio com os balões, sem que para isso seja necessária a derrogação da lei da gravidade? Conheceis, porventura, todas as propriedades e todo o poder desse fluido? Não. Pois, então, não negueis a realidade de um fato, apenas por não o poderdes explicar.*

Na tentativa de aprofundar o entendimento sobre as manifestações de efeitos físicos podemos recorrer à Física Clássica ou Mecânica Newtoniana.

Isaac Newton, cientista inglês do século XVII - XVIII, formulou as bases da Física Clássica e ainda são válidas para velocidades e objetos de dimensões médias. Podemos, então, ressaltar para a finalidade deste estudo as três leis de Newton:

1ª Lei) Todo o corpo permanece em estado de repouso ou com movimento retilíneo e uniforme enquanto sobre ele não atuar força qualquer –a lei da inércia.

2ª Lei) A variação da quantidade de movimento é proporcional à intensidade da força motriz aplicada, sendo a sua direção igual àquela em que atua a força.

3ª Lei) A qualquer ação opõe-se uma reação de intensidade igual e de sentido oposto. Em outras palavras, as interações mútuas de dois corpos são sempre iguais e de sentidos contrários.

É preciso incluir, ainda, a Lei da Gravitação Universal, também elaborada por Newton e que descreve a força de atração mútua entre os corpos, sempre proporcional à sua massa.

Analisemos, então, duas situações.

Um desencarnado que desejasse que um automóvel, por exemplo, colidisse contra um obstáculo qualquer, apesar do motorista acionar o freio, imaginaríamos, em primeira análise, que ele deveria empurrar o veículo para que este continuasse em movimento. Todavia, considerando a Primeira Lei de Newton, verifica-se que o motivo pelo qual o automóvel diminui a velocidade até parar são as forças de atrito entre os pneus e o pavimento. Em resumo, a possibilidade de frear é decorrente da ação de forças.

Outro fenômeno muito interessante e que consta de O Livro dos Médiuns é aquele no qual se verifica mãos a dedilhar um piano. Kardec questiona os espíritos se isto não seria decorrente da pressão dos dedos, ao que os eles respondem que os desencarnados deverão sempre utilizar a organização que lhes é própria, portanto, não seria decorrente da pressão física. Todavia, a possibilidade de tocar piano é decorrente da aplicação de forças.

Existe a necessidade primordial de que forças sejam aplicadas em ambos os casos ou em qualquer outro que se possa imaginar, como a elevação de uma cadeira ou objeto qualquer no ar.

No livro *A Gênese*, Cap. VI, Galileu, o espírito responsável pelo texto do capítulo, diz que as forças que presidem a construção do mundo físico e a dinâmica dos processos são inerentes ao fluido. Ainda no mesmo livro, Cap. XIV, fica claro que os espíritos atuam sobre os fluidos através do pensamento.

Do que foi dito, depreende-se que as forças são “constituídas” de fluido e que a ação dos espíritos sobre o fluido é feita através do pensamento, portanto, pode-se dizer que os espíritos atuam nas forças através do pensamento, mesmo que não saibam e sejam resultantes apenas da vontade. Sob este prisma, nos efeitos físicos os espíritos agiriam nas forças envolvidas no fenômeno em questão, atenuando umas e fortalecendo outras.

Sem sombra de dúvidas ainda há um longo caminho a percorrer até o entendimento mais aprimorado do processo de atuação dos desencarnados sobre a matéria densa, mas o importante é continuarmos trabalhando, mesmo que seja um passo de cada vez.

## CAPÍTULO X - O Passado

Na Questão 133 d'O Livro dos Espíritos, Kardec perguntou se aqueles que, desde o princípio, seguem o caminho do bem, têm a necessidade da encarnação, obtendo a seguinte resposta:

*Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer feliz a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito.*

Segundo o dicionário, a palavra “simples” se refere a quem se encontra no grau mais baixo de uma escala ou hierarquia e a palavra “ignorante” é utilizada para descrever quem não tem conhecimento.

Vamos, aqui, abrir um parêntese para analisarmos o corpo humano. Vejamos, primeiramente, o aparelho respiratório.

O processo da respiração se inicia dentro da caixa torácica, com o diafragma, músculo localizado logo abaixo dos pulmões. Quando este músculo se distende propicia um aumento do volume dos pulmões, favorecendo, assim, que este espaço seja preenchido pelo ar.

O ar percorre longo caminho, iniciando sua viagem no nariz, passando pelas fossas nasais, seguindo pela traquéia para, finalmente, chegar aos pulmões, órgãos responsáveis pela troca do gás carbônico do sangue, pelo gás oxigênio.

Vejamos, agora, o aparelho digestivo.

O alimento deve ser primeiramente triturado pelos dentes, na boca, para se transformar em material pastoso, passando pela laringe, faringe, esôfago para, finalmente, chegar ao estômago.

Antes mesmo de sua chegada, o estômago já se preparou para receber o alimento, produzindo sucos gástricos que são responsáveis pela digestão.

Sem querer alongar demasiadamente, cremos já ter ficado claro a complexidade do corpo humano utilizando apenas dois exemplos de uma infinidade de sistemas e, ainda, com uma descrição muito simplificada.

De posse desse conhecimento e, lembrando o capítulo anterior, quando foi dito que o corpo mental gerencia a formação do perispírito e que este, por sua vez, gerencia

a formação do corpo físico, podemos retomar o assunto deste capítulo com a seguinte pergunta:

Como podem seres simples e ignorantes gerenciar a formação de corpos organizados tão complexos como o corpo humano?

A resposta a tal pergunta só pode ser uma: não podem.

Então, somente podemos concluir que o início da existência de um espírito deve ser anterior a forma humana.

Para uma criança adquirir o domínio da leitura e escrita, ela deverá passar por vários estágios, tais como a assimilação do alfabeto, coordenação motora dos olhos e mãos, muita repetição para as ações se tornarem mecânicas, etc.

Da mesma forma que a criança, um espírito simples e ignorante necessitará assimilar as leis físicas e químicas que regem o planeta onde encarnará; coordenar a manipulação destas leis e, através de muita repetição, incorporar as funções orgânicas de seu corpo físico como automatismo, afinal, as funções orgânicas são automáticas.

Para fins de ilustração, podemos referenciar a citação de André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, Capítulo IV:

*...ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida da consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica.*

Qual seria o início?

Para acharmos a resposta, basta perguntar o que um ser simples e ignorante poderia fazer. A resposta seria: nada.

Considerando que os seres vivos muito simples tais quais os unicelulares, ou seja, uma única célula, já são extremamente complexos, compostos de núcleo e citoplasma, e que necessitam interagir com o meio já fazem alguma coisa e, para isso, necessitam de conhecimento.

O início de tudo, então, deve ser anterior ao mais simples dos seres vivos<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> As células não são os seres mais simples.

### **A atração nos minerais:**

Estágio em que o ser se encontra na rede cristalina dos corpos inorgânicos com a finalidade de aprender as leis químicas e físicas que regem o planeta onde se encontra.

É claro que, neste estágio, o espírito não incorpora ou encarna, portanto, não tem condições de agir sobre o mineral, é um simples observador.

Esta impossibilidade de ação sobre o mineral por parte do espírito é decorrente do fato de que, sendo ignorante, sua interferência sobre as leis químicas e físicas seria inconseqüente e colocaria toda a estrutura do planeta em risco.

Em contrapartida, para que esteja em condições de formar e gerenciar um corpo físico, mesmo os mais simples tais quais os unicelulares, e continuar em seu processo evolutivo será imperioso a informação das leis que regem a matéria.

### **Sensação no vegetal:**

A evolução não para, de formas monocelulares, o ser passa a gerenciar organismos cada vez mais complexos, passando, assim, aos pluricelulares, onde os embates para alimentação e disseminação dos nutrientes são mais aprimorados.

Os vegetais, nutrindo-se da clorofila, estão em amplo aprendizado para os reinos superiores, haja vista que, a título de exemplo, a fórmula química da clorofila é muito semelhante a da hemoglobina dos animais.

Surge também a reprodução sexuada.

### **Instinto no animal:**

Conforme o ser galga patamares mais altos da evolução, mais complexo se torna o trabalho.

Dos animais invertebrados, sem esqueletos, passa aos insetos de exoesqueleto, estrutura externa, para atingirem a formação de toda uma estrutura óssea.

Desenvolvem nos crustáceos os sistemas vascular e nervoso.

Seguem-se os peixes, répteis, aves e culminam nos animais mais nobres, os mamíferos onde desenvolvem a memória, sensibilidade e percepção.

Chegam, então, no estágio como homens, desenvolvendo a razão.

Segundo André Luiz, foi necessário um bilhão e quinhentos milhões de anos para o ser evoluir até os homínídeos da era quaternária.

Fica claro que os vegetais e animais possuem um espírito individualizado, embora, ainda não tenha condições de se aperceberem como tal.

A espécie propriamente dita, não evolui, o espírito é que, galgando patamares mais elevados, utiliza a espécie adequada ao seu adiantamento, passando, assim, de espécie em espécie, atingindo, na aquisição da razão, o reino “hominal”.

## CAPÍTULO XI - Pensamento

Muito se fala sobre o pensamento, mas para tentarmos compreender os seus processos de ação é necessário, primeiramente, entendermos a sua essência.

Na introdução do livro *Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz diz o seguinte:

*Quanto mais investiga a Natureza, mais se convence o homem de que vive num reino de ondas transfiguradas em luz, eletricidade, calor ou matéria, segundo o padrão vibratório em que se exprimam.*

*Existem, no entanto, outras manifestações de luz, da eletricidade, do calor e da matéria, desconhecidas nas faixas da evolução humana, das quais, por enquanto, somente podemos recolher informações pelas vias do espírito.*

### O que é uma Onda?

De acordo com a frase de André Luiz transcrita acima deveríamos considerar que tudo na Natureza é “onda”? Seria matéria uma onda???? Então uma mesa ou uma cadeira são ondas?! Como comparar uma mesa com luz? Seriam a mesma coisa? Mas uma mesa não ilumina e nem vibra ou sobe e desce como uma onda no mar!!!!!!

Para começar o entendimento da afirmativa de André Luiz pode-se dizer que tudo na Natureza é “energia” e que esta energia se propaga na forma de ondas, exatamente como ocorre no mar quando a energia liberada das suas profundezas ou cedida pelo vento e se propaga até a praia através das tão adoradas, cantadas em verso e prosa, ondas do mar.

Imaginemos um lago de águas mansas, nenhuma brisa presente, alguém, displicentemente, atira uma pequena pedra nas águas deste lago. O que seria observado? Uma série de ondas circulares cujo nascedouro é exatamente o ponto onde a pedra caiu, cada onda se propaga até sua energia ser completamente dispersa.

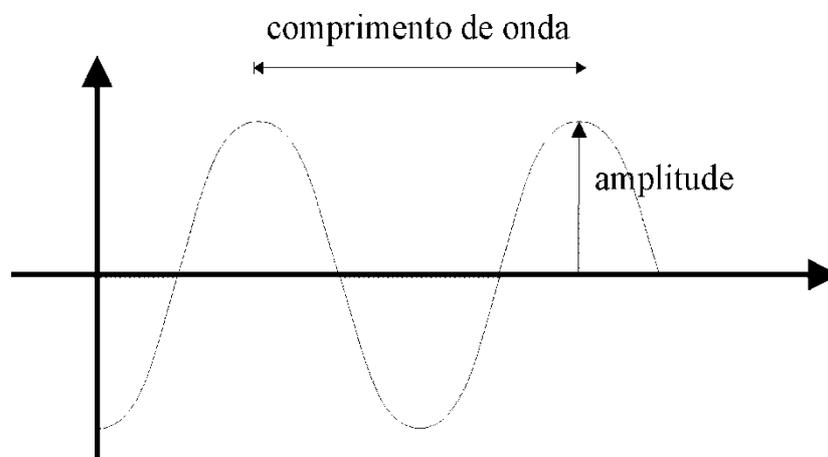
Do ponto de vista físico, a pedra ao ser impulsionada adquiriu certa quantidade de energia cinética, atingindo certa velocidade e, ao se chocar com a água, sofreu a resistência da mesma provocando uma brusca desaceleração da pedra, conseqüentemente, menor velocidade menor energia, logo, houve, em determinado,

instante um excesso de energia por parte da pedra que foi imediatamente cedida a água do lago, esta energia se propagou em forma de onda.

Ao contrário do que possa parecer, a água não se desloca horizontalmente, é um movimento de ascensão e descida.

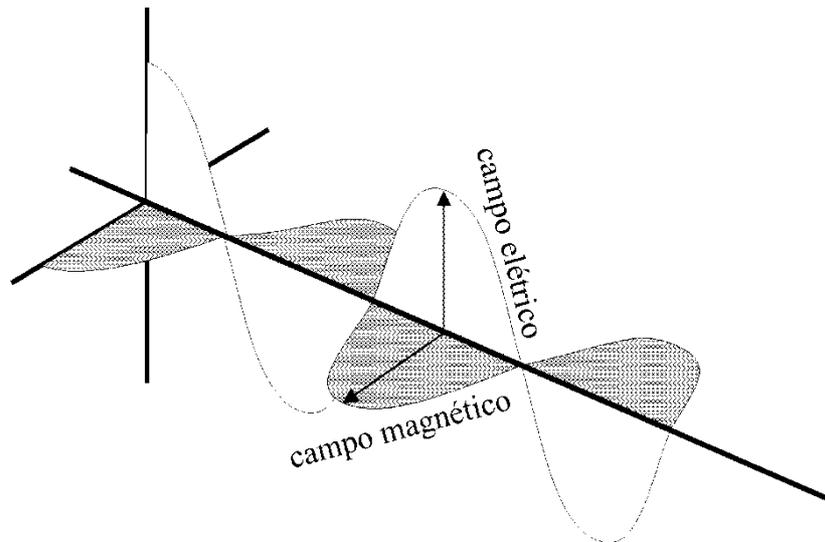
Vibração, agitação, inquietação são formas de expressar a exteriorização da energia, sendo assim, todas essas formas produzem ondas.

Uma onda é caracterizada pela sua amplitude e comprimento de onda. A figura a seguir mostra uma representação esquemática de uma onda transversal apresentando suas dimensões.



Existem, como dissemos, as ondas do mar, todavia, existem outros tipos de ondas, tais como as sonoras que se propagam por vibração de moléculas, da mesma forma que no caso da água, há uma propagação de energia entre as moléculas do meio. Existe ainda, outro tipo, são as ondas eletromagnéticas.

Ondas eletromagnéticas são compostas por duas ondas interdependentes e transversais, uma de campo elétrico e outra de campo magnético, sendo que uma não pode existir sem a outra. A figura a seguir mostra a representação esquemática da propagação de uma onda eletromagnética.



Segundo os conceitos da ciência acadêmica atual, as ondas eletromagnéticas podem propagar na ausência de meio físico material<sup>12</sup>, o vácuo, por exemplo, tanto o campo elétrico quanto o magnético são perpendiculares à direção de deslocamento da onda, viajam em linha reta e à mesma velocidade, que é a velocidade da luz ( $2.997925 \times 10^8$  m/s).

É importante observar que, como apresentam as mesmas características, as ondas eletromagnéticas são classificadas de acordo com o seu comprimento de onda e que não possuem limite inferior nem superior definidos. Isto significa que, fontes de ondas eletromagnéticas e instrumentos de detecção das mesmas deverão ser diferentes para cada intervalo de comprimento de ondas.

André Luiz nos diz que as ondas eletromagnéticas são sempre da mesma substância, diferenciando-se pelo comprimento de onda em vibrações mais ou menos rápidas em que se identificam as frequências diversas. E o próprio André Luiz responde à questão do que seria uma onda:

*À falta de terminologia mais clara, diremos que uma onda é determinada forma de ressurreição de energia, por intermédio do elemento particular que a veicula ou estabelece.*

<sup>12</sup> Este conceito em sendo questionado atualmente.

*Partindo de semelhante princípio, entenderemos que a fonte primordial de qualquer irradiação é o átomo ou partes dele em agitação, despedindo raios ou ondas que se articulam, de acordo com as oscilações que emite.*

A luz, o calor, ondas de rádio, ondas de televisão, raios X, etc., são exteriorização de ondas eletromagnéticas. Pode-se então verificar que existem diferentes efeitos das ondas eletromagnéticas que se diferenciam pelo comprimento de onda. A figura da página seguinte o espectro (efeito) de ondas eletromagnéticas em função da frequência e do comprimento de onda.

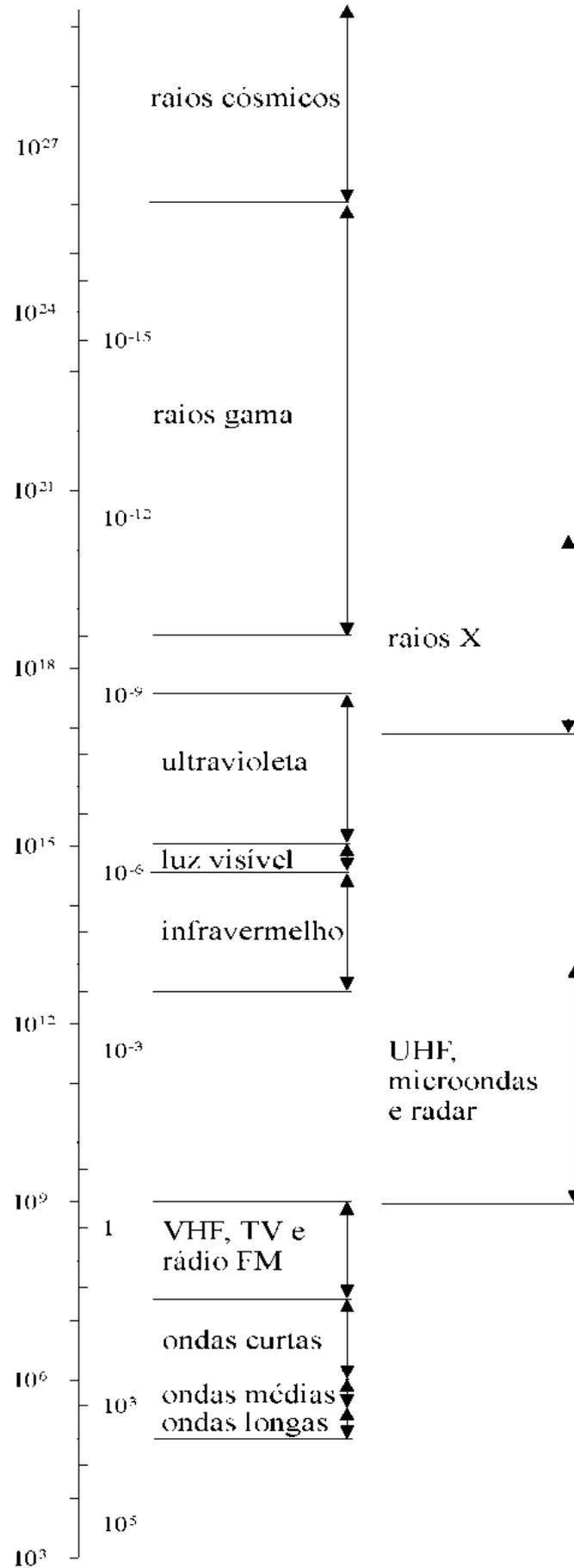
No intuito de evitar dúvidas desnecessárias, é importante lembrar que, como as ondas eletromagnéticas viajam sempre na mesma velocidade, que é a velocidade da luz, e que a frequência, mantendo a velocidade constante, variará proporcionalmente com comprimento de onda, a figura da página seguinte mostra o efeito de ondas eletromagnéticas em função da frequência e do comprimento de onda. Portanto, pode-se dizer que a variação do efeito depende da frequência ou do comprimento de onda.

Em face da grande variedade de efeitos das ondas eletromagnéticas, somos instigados a nos perguntar qual o efeito à que nós, espíritos encarnados e desencarnados, estaríamos sujeitos? Qual a influência que essas ondas permeando o espaço teriam sobre nós?

André Luiz nos diz que:

*...semelhante notas (a variedade dos efeitos das ondas eletromagnéticas) oferecem ligeira idéia da transcendência das ondas nos reinos do Espírito, com base nas forças do pensamento.*

Frequência (Hz) / Comprimento de onda (m)



*Temo-lo (o homem), dessa maneira, por viajante do Cosmo, respirando num vastíssimo império de ondas, que se comportam como massa ou vice-versa, condicionado, nas suas percepções, à escala do progresso que já alcançou, progresso esse que se mostra sempre acrescentado pelo patrimônio de experiência em que se gradua, no campo mental que lhe é característico, em cujas dimensões revela o que a vida já lhe deu, ou o tempo de evolução, e aquilo que ele próprio já deu à vida, ou tempo de esforço pessoal na construção do destino. Para a valorização e enriquecimento do caminho que lhe compete percorrer, recebe dessa mesma vida, que o acalenta e a que deve servir, o tesouro do cérebro, por intermédio do qual exterioriza as ondas que lhe marcam a individualidade, no concerto das forças universais, e absorve aquelas com as quais pode entrar em sintonia, ampliando os recursos do seu cabedal de conhecimento, e das quais se deve aproveitar, no aprimoramento intensivo de si mesmo, no trabalho da própria sublimação.*

*...a existência do eletromagnetismo tanto nos sistemas interatômicos da matéria física, como naqueles em que se evidencia a matéria mental.”*

Em poucas palavras: PENSAMENTO É ONDA SIMILAR AS ONDAS ELETROMAGNÉTICAS.

Ainda no livro Mecanismos da Mediunidade, com referência ao pensamento, André Luiz diz que:

*...matéria mental baseada em sistemas atômicos em diferentes condições vibratórias a se exprimir analogamente a leis dos quanta de energia.*

A tabela a seguir apresenta a classificação do pensamento das criaturas humanas, como explicado por André Luiz.

### Pensamento das criaturas humanas

Estado mental	Origem da onda mental	Função exercida
Normal	átomos mentais inteiros excitados produzem ondas muito longas	automatismo
atenção, reflexão	elétrons mentais excitados produzem ondas médias	aquisição de experiências
emoções profundas, concentração mental	excitação dos núcleos dos átomos mentais produzem ondas muito curtas	imenso poder transformador do campo espiritual

A tabela abaixo apresenta a classificação do pensamento de diferentes tipos de criaturas, apresentada no mesmo livro citado acima.

### Pensamento das criaturas

Criatura	Comprimento da onda mental
legiões angélicas	Ondas super-ultra-curtas
mente humana	Ondas curtas, médias e longas
animais	Ondas fragmentárias

## CAPÍTULO XII - Ação do pensamento

De posse do conhecimento de que o pensamento possui características físicas, se exterioriza, não ficando apenas restrito ao âmbito físico do cérebro daquele que pensa, podemos dispensar maior atenção aos seus processos de ação.

Relembrando o Capítulo IV, tudo que nos cerca é formado de fluido cósmico, obviamente, “tudo” significa tudo; em tudo estão incluídos as matérias dos objetos, do planeta Terra, da lua, do sol, dos outros planetas, da galáxia, das outras galáxias, etc.

É importante ressaltar que a principal característica do fluido é o de sofrer a ação do pensamento e o de ser trabalhado por este, em outras palavras, as ondas de pensamento exercem uma força nas “partículas infinitamente pequenas” de fluido e essa força especificamente dirigida para certa finalidade é capaz de aglutinar estas “partículas”.

Se tudo é formado de fluido e o pensamento dá forma ao fluido, então, o pensamento é o responsável pela formação tanto de estruturas inimaginavelmente grandes, como as galáxias, quanto ao mais ínfimo grão de areia. A idéia de o universo ser formado pela ação do pensamento é, ainda, muito mais lógica do que atribuir a simples obra do acaso.

Quando há a necessidade da criação de novos mundos, como aconteceu há bilhões de anos atrás, no surgimento do nosso universo conhecido, uma pequena porção do universo maior, espíritos muito evoluídos exercem o que deve ser “grande poder mental” despejando massiva quantidade de irradiação mental (informação) para aglutinar igualmente massiva quantidade de fluido.

Essa massa fluídica, seguindo leis que, pelo nosso restrito conhecimento, podemos chamar de leis química e físicas da criação, sob o controle dos espíritos, se organizará para a formação de vasto conglomerado de galáxias que constituirá uma parte do universo, assim como os países formam o planeta Terra.

Como nada é criado sem uma utilidade, esses mundos serão o berço que acalentarão inúmeros espíritos em sua marcha evolutiva.

Assim como foi dito no Capítulo VII, que a espécie não evolui, mas o espírito se utiliza da espécie, passando a espécies mais condizentes com o seu grau de adiantamento, os mundos são também utilizados pelos espíritos e, chegada a hora em que o mundo não mais oferece condições maiores de evolução aos seus habitantes, se transformam em regiões “mortas”.

Sujeitos a ação do tempo, a matéria que constitui estes planetas se desgasta e, então, estará pronta para ser novamente reintegrada à sua condição de fluido para posterior utilização.

A unicidade da Criação está presente em todos os lugares, por mais impossível que possa parecer, todos os espíritos, seja qual for o seu grau evolutivo, são detentores das mesmas ferramentas. O processo utilizado pelos espíritos na criação dos mundos é o mesmo utilizado pelos espíritos viventes no nosso mundo no processo de formação do perispírito, nossas obras e criações mentais, incluindo as zonas purgatoriais.

O processo evolutivo nos trará o conhecimento, a fé, a força moral e a vontade para utilizarmos de forma correta as ferramentas que dispomos.

Nosso pensamento tem poder criador, por isso, é necessária vigilância.

Como dissemos que o pensamento dá as características aos fluidos é preciso estar atentos em todos os momentos e esse exercício nós temos que fazer em nossa própria casa. Imaginemos uma pessoa preparando o alimento enquanto está com a mente envolvida em pensamentos perniciosos, de desamor, aflição e ódio. Pode-se supor que estará impregnando o alimento com fluidos deletérios e negativos ou, até mesmo, durante a nossa refeição, se estivermos envolvidos em brigas e discussões ou em pensamentos negativos estaremos envenenando a comida que ingerimos.

É claro que no nosso nível evolutivo ainda é muito difícil mantermos o pensamento elevado durante todo o tempo, mas se conseguirmos reservar algumas horas por dia para este exercício, já seria um grande passo que estaremos dando. Por que não na hora das refeições? Quando ingerimos um copo de água? Talvez com esses pequenos gestos possamos estar tornando a nossa própria vida melhor e a vida das pessoas que nos cercam.

A forma como o espírito gerencia a formação do perispírito é uma das funções do automatismo adquirido ao longo da sua existência, cuja ação sobre o fluido espiritual é puramente mental. Da mesma forma que os espíritos superiores plasmam os impérios estelares na Co-criação em plano maior, como descreve André Luiz<sup>13</sup>, quando o fluido é adensado sob pressão exercida pelas ondas mentais, o espírito exerce a mesma ação mental sobre os fluidos de modo a formar seu perispírito na Co-criação em plano menor.

---

<sup>13</sup> Evolução em Dois Mundos, André Luiz (espírito), psicografia de Chico Xavier.

A título de exemplo, se fosse possível que todos os espíritos se transformassem no mesmo instante, elevando seus pensamentos aos céus e assim o mantivessem, as denominadas “zonas umbralinas” se dissipariam.

### CAPÍTULO XIII - Perispírito e saúde

*...Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo, em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo vulgar, reconheceremos facilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontra no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, palsmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei de merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.<sup>14</sup>*

André Luiz

Para ser considerada como uma “Revelação”, num sentido mais amplo, uma doutrina deve responder as perguntas interiores de ordem moral; quando esta doutrina almeja ser um pouco mais completa, ela deve também suprir as necessidades existenciais dos seus seguidores, contendo em seu corpo doutrinário explicações de ordem filosófica. A Doutrina Espírita engloba o caráter moral, filosófico e, também, científico, de forma a apresentar explicações para os fenômenos considerados sobrenaturais, mostrando que tais fenômenos são tão naturais quanto qualquer outro.

No livro *A Gênese*, Kardec aborda uma larga gama do conhecimento científico da época, mas, mais importante do que analisar este conhecimento, que por si só é transitório e que se encontra em constante modificação devido aos avanços científicos e tecnológicos, Kardec nos mostra o caminho para analisar sensatamente o conhecimento científico de todos os tempos, isto é, nos ensina a interpretar este conhecimento de forma a explicar os fenômenos espirituais.

---

<sup>14</sup> Evolução em Dois Mundos, André Luiz (espírito), psicografia de Chico Xavier.

Não se deseja aqui apresentar uma explicação definitiva para a ocorrência de doenças, no caso particular, o câncer. Baseado no ensinamento trazido por Kardec, este estudo visa apenas a analisar as novas descobertas da área e, justamente, com o que se encontra na literatura espírita, formular uma hipótese, deixando claro que, uma pessoa com maior conhecimento tanto da área médica quanto do Espiritismo, poderia chegar a conclusões diversas.

De acordo com o que foi veiculada na imprensa, a última descoberta sobre a formação do câncer é o que se denominou de “oncogenes”. O prefixo “onco” é relativo a tumor e a palavra gene é o nome dado a cada unidade funcional do ácido desoxirribonucléico, mais conhecido como DNA, então, oncogenes se refere a genes causadores de tumor. A tese dos oncogenes defende que a origem do câncer é um defeito minúsculo que altera apenas a bilionésima parte do DNA de alguns genes especiais, os oncogenes.

As células do corpo estão em constante processo de reprodução, todavia, esta reprodução não ocorre de forma aleatória e desordenada, as células somente se reproduzem quando o meio em que elas se encontram esteja em condições de receber a nova célula, vale ressaltar que as células do corpo são completamente renovadas em intervalos regulares de sete anos, com exceção das células nervosas que não se renovam.

Algumas destas células, contudo, podem sofrer uma mutação no código genético, isto é, genes podem ser alterados e vários são os fatores que influenciam nestas alterações, cigarro, bebida alcoólica, fumaça, corantes, compostos orgânicos, etc.; se a alteração ocorrer em um dos oncogenes, cerca de 50 entre os 50000 genes que existem em uma célula somente, poderia desencadear o aparecimento do tumor.

Poder-se-ia então pensar que todos estão expostos a muitas das substâncias cancerígenas e se perguntar o motivo pelo qual não ocorre o desenvolvimento do tumor em todas as pessoas. Apesar de um quadro tão desolador quanto foi exposto, a própria célula possui meios de reparar estes danos, são os “genes supressores de tumor”; quando a mutação é detectada, estes genes agem de forma a bloquear a ação do gene mutante. Para que realmente ocorra o aparecimento do tumor é preciso que a célula que já sofreu mutação e que foi bloqueada sofra nova mutação de forma a desativar o gene supressor.

Todas as células do corpo não agem de forma isolada, elas devem respeitar as “regras” da boa convivência, é como se existisse um código de conduta celular,

enquanto este código é obedecido, todo o organismo funciona de forma satisfatória, com cada órgão cumprindo o seu papel.

A célula que sofreu a dupla mutação passa a agir livremente, não mais respeitando o “código” de conduta, e se multiplica livremente de forma desordenada, agressiva, e o tumor cresce. Estas células modificadas podem sofrer alterações em genes que possuem funções diversas, quando atinge os genes que estimulam o crescimento de vasos sanguíneos na direção da célula, as mutantes alcançam a corrente sanguínea, migrando para outras partes do corpo, tem início o que é chamado de metástase, e o tumor se dissemina.

Para se tentar compreender como ocorre a organização das células é preciso remontar à estrutura do perispírito. Consultando a obra *Evolução em Dois Mundos* de André Luz tem-se:

- Na pg. 27 diz que o corpo físico reflete o corpo espiritual que por sua vez reflete o corpo mental, detentor da forma. Em outras palavras, o Espírito elabora lentamente, através das inúmeras experiências desde o início da sua existência como espírito, na condição de simples e ignorante, a sua forma, guardando todo o acervo no corpo mental e este, por sua vez, é o agente que transferirá toda a informação necessária para a formação do corpo espiritual, informação esta que é completa em seus mínimos detalhes de conformação. Com o corpo espiritual já conformado, servirá de molde para a matéria física.
- Nos capítulos IV e V tem-se que durante o transcurso das suas existências, o espírito “aprende” a dominar as células vivas que são animáculos infinitesimais que nada mais são do que princípios inteligentes de feição ainda muito rudimentar que, quando sob o comando de princípios inteligentes em estágios superiores de evolução, servem de modo organizado na grande estrutura orgânica que é o corpo físico.

Analisando o que foi exposto, qual seria o comportamento de uma célula quando é retirada de um organismo vivo e colocada em um meio capaz de lhe manter a vida? Uma célula do fígado se comporta de forma a cumprir com as funções de um fígado e, quando se reproduz, forma novas células de fígado. Esta mesma célula quando retirada do fígado e colocada em um meio de cultura não mais atuará como uma célula de

fígado. A reprodução será de forma desordenada, formando células sem função definida, ao final, não se terá um órgão, mas apenas um aglomerado disforme de células. É fácil de perceber que alguma coisa mudou para aquela célula que foi isolada: não recebe mais os comandos necessários para se comportar como uma célula de fígado isto é, sua especialidade.

As células, funcionando como máquinas diminutas compondo uma máquina muito maior, recebem a informação necessária para se especializarem do espírito encarnado através dos centros vitais. Tendo o centro cerebral senhoreando todos os outros, é no centro coronário que o Espírito controla a forma organizada, embutindo em cada célula a especialidade que necessita para cumprir com a função que lhe é esperada.

Como diz André Luiz na pg. 29:

*A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação no campo consciencial no campo do destino.*

Joanna de Ângelis, no livro O Ser Consciente pg. 42, coloca com extrema clareza que as patologias estão diretamente relacionadas com o estado mental do espírito ao dizer:

*Sendo, a criatura humana, constituída pela energia que o espírito envia a todos os departamentos materiais e equipamentos nervosos, qualquer distonia que a perturbe abre campo para a irrupção de doenças, a manifestação de distúrbios, que levam aos vários desconcertos patológicos, conhecidos como enfermidades.*

Ainda no livro acima mencionado, Joanna de Ângelis lista vários dos fatores que causam o desequilíbrio neste fluxo de energia, ou seja, sentimentos comuns a tantos de nós no nível evolutivo comum das criaturas viventes neste mundo. Dentre os exemplos, encontra-se: o amor, não o amor sublime, mas aquele amor desenfreado, possessivo em que os participantes se entregam aos desejos, que é apresentado como “grande demolidor das estruturas celulares”; a angústia é apresentada como “semelhante a densa

carga tóxica que se aspira lentamente”; o rancor é apresentado como produtor de ácidos destruidores “que consomem a energia vital e abrem espaços intercelulares para a distonia e a instalação de doenças”; e finalmente, o ódio é apresentado como “tóxico fulminante no oxigênio da saúde mental e física” e seu poder tóxico é explicado como “agentes poluidores e responsáveis por distúrbios emocionais de grande porte, são eles os geradores de perturbações dos aparelhos respiratório, digestivo, circulatório. Responsáveis por cânceres físicos, são as matrizes das desordens mentais e sociais que abalam a vida e o mundo”.

De tudo o que foi exposto poder-se-ia, talvez, dizer que, devido às transgressões que todos cometem durante suas várias existências, o corpo mental seguindo a lei de causa e efeito imprime ao corpo espiritual certas cicatrizes que, por falta de terminologia mais adequada poder-se-ia chamar de “pontos obscuros”; em determinado momento da vida, esses pontos eclodem, dificultando a comunicação entre o espírito e as células propiciando, assim, uma degeneração comportamental da célula. Dependendo do grau de gravidade destes pontos obscuros, dependerá também o grau de gravidade da degeneração.

É necessário ter em mente que não existe um determinismo absoluto, a encarnação é concedida para o aprimoramento do espírito, tendo este a oportunidade da reparação das transgressões cometidas, o processo é dinâmico podendo-se, em uma única encarnação apenas, minorar ou agravar a situação em que se encontre.

## CAPÍTULO XIV - Conduta

O ser humano tem grande propensão, obviamente originária no orgulho, de encontrar pretextos quando se encontra em situações desfavoráveis, atualmente é muito comum, na falta de opção melhor, culpar a época em que vivemos. Diante dos noticiários, costuma-se ouvir as pessoas dizerem que: “As notícias são sempre as mesmas: corrupção, assaltos, crimes e toda sorte de coisas. Eu acho que este mundo não tem mais solução, está tudo de cabeça para baixo. Antigamente era muito melhor, antigamente não tinha essas coisas não...”

Vamos imaginar como seria viver na época de Jesus. Ah! Que maravilha, conhecer o mestre, ouvir esses assuntos que ouvimos no Centro Espírita diretamente ditas por Jesus ou então nos anos que se seguiram. Podem imaginar? É claro que nem tudo é perfeito, não é? É bem verdade que naquela época os cristãos eram entregues vivos aos leões, eram devorados sob os aplausos da multidão, outras barbaridades eram também cometidas, mas... Será que nós, em uma encarnação passada, vivemos naquela época e vibramos com esse tipo de espetáculo? Será que nós ajudamos na crucificação de Jesus? É melhor não pensar nisso...

Também, a gente não precisa ir tão longe assim. Digamos... a Idade Média... Ah! Aquilo sim era tempo bom, aqueles castelos..., muitos campos verdes..., Podem imaginar? É claro que nem tudo é perfeito, não é? É bem verdade aquela era a época da inquisição, as pessoas eram condenadas à fogueira sob alegação de serem bruxas ou bruxos, bastava alguém acusar. Já pensaram como seria a vida de palestrante espírita? Certamente seria muito difícil, pois bastava acusar os oradores ruins de bruxos que a gente ficava livre deles. Naquela época lançavam as supostas “bruxas” ao lago, se ela se salvasse era a prova de ser bruxa e era queimada viva; se ela morresse era a prova de que não era bruxa e obtinha o perdão. Eram eventos que as pessoas assistiam maravilhadas. Será que nós, em uma encarnação passada, vivemos naquela época e vibramos com esse tipo de espetáculo? Será que nós ajudamos a queimar as pessoas? É melhor não pensar nisso...

Também, a gente não precisa ir tão longe assim. Digamos... o tempo de Kardec... Ah! Aquilo sim era tempo bom! Que maravilha, conhecer o mestre lionês, ouvir esses assuntos que ouvimos no Centro Espírita diretamente ditas por Kardec. Podem imaginar? É claro que nem tudo é perfeito. Na França daquele tempo reinava Napoleão III e a censura era pesada, era até necessário pedir permissão à polícia para se reunirem.

Reuniões do tipo que fazemos agora eram proibidas, não existia a liberdade de expressão, sob pena de prisão. Somente um espírito do porte de Kardec para compilar a Doutrina Espírita sob tais circunstâncias. Várias descobertas científicas foram distorcidas para acomodar os ensinamentos da Igreja.

Mas falemos de Brasil, era outra coisa, tinha a escravidão, é bem verdade. Será que nós, em uma encarnação passada, vivemos naquela época e atuamos como espíões denunciando as pessoas ou então possuíamos escravos? Será que nós ajudamos a prender ou exterminar pessoas? É melhor não pensar nisso...

Bem... Podemos voltar ao início do século... Tinha a Primeira Guerra Mundial... Um pouco mais tarde... Tinha a Segunda Guerra Mundial. Falemos somente de alguns anos atrás, é bem verdade que havia o regime militar, com suas censura e perseguições.

Pode-se até considerar que as mesmas coisas continuam ocorrendo, porém, o mais importante é que estes atos já não são mais aceitos pela opinião pública, nem os indivíduos que os praticam conseguem permanecer na obscuridade, seus atos são expostos e se vêem às voltas com a vergonha e a humilhação.

Ontem não sabíamos ao certo o que acontecia nos bastidores de um país, éramos proibidos de expressar livremente as nossas opiniões sob pena de sofrer retaliações, hoje a liberdade de opinião e do discurso nos propicia meios de evoluir, seja disseminando atos escusos praticados contra a humanidade e dando um fim a impunidade terrena ou disseminando conhecimentos salutares.

Infelizmente, este processo pelo qual estamos passando é inevitável, passamos por um momento em que temos de conviver com um livre arbítrio mais amplo, época esta em que não somos tão tolhidos pelas leis humanas, que não temos alguém a nos vigiar a cada esquina ou a cada recinto. Todavia, ainda não sabemos como conviver com esta liberdade e, por este motivo, fazemos o mau uso.

A evolução do espírito pode ser comparada com a evolução do ser humano.

Na condição de recém nascido a criança se encontra completamente dependente; a medida que a criança cresce já é capaz de agir sobre o meio ao seu redor sem, contudo, poder assumir a responsabilidade pelos seus atos, ela está em fase de experimentação e aprendizado básico, com o passar do tempo, seu campo de atuação aumenta sem contudo abandonar a fase de experimentação e aprendizado; conforme esta criança cresce, gradativamente ela passa a assumir a responsabilidade pelos seus atos até que na fase adulta ela assume completa responsabilidade sofrendo as

consequências das suas decisões e ações, contudo, mesmo nesta fase ainda permanece o aprendizado pela experimentação.

Tal qual como ocorre com as crianças, onde existirá uma maior probabilidade de se tornarem adultos saudáveis tanto física quanto mentalmente tendo por responsáveis adultos saudáveis mentalmente, sem viciações perniciosas, capazes de as direcionarem corretamente no caminho correto, enquanto o oposto também poderá ocorrer quando em condições antagônicas, assim é com o homem adulto, suas atitudes estarão de acordo com as doutrinas que professam e que os guiam.

Observamos nestes tempos de crise um soerguimento do materialismo.

Segundo a enciclopédia, o materialismo é definido como: doutrina segundo a qual toda existência se reduz à matéria ou a um atributo ou efeito da materialidade. A consciência se explica por mudanças físico-químicas no sistema nervoso.

Praticamente falando, o materialismo nunca foi uma doutrina elevada por não considerar a existência de Deus e a existência de padrões morais independentes da sociedade, mas, como toda doutrina que não é bem fundamentada, que mantém seus alicerces a mercê das idéias de seus seguidores, sofreu grandes mudanças e, hoje em dia, vemos o materialismo presente em nosso comportamento.

Podemos ressaltar, como exemplo, na necessidade de consumir, o que é muito incentivado pela política capitalista; no sentimento de posse de tudo aquilo que se consegue obter seja material ou afetivo; no culto do poder adquirido a qualquer preço e no culto da sensualidade. Estas idéias são propagadas pela mídia em suas diversas formas e cultuadas nos lares onde as crianças são iniciadas desde cedo, é assim que vemos a importância da evangelização infantil para formar uma base sólida, fornecendo instrumentos, parâmetros e valores para que estas crianças cheguem à adolescência em condições de não serem corrompidas pela sociedade e seus valores deturpados.

Temos o costume de criticar o governo e políticos, depositando neles a culpa de tudo que está errado na sociedade, mas a realidade dos fatos: nós somos os responsáveis para criar um mundo melhor.

Certo dia presenciamos um fato que deve servir de alerta para pais e responsáveis. Caminhando num parque que é uma área de reserva, parque este cercado de grades em todo o seu redor e policiamento. Percebe-se que houve gastos e cuidados com o parque tanto para manter sua integridade quanto para a segurança dos frequentadores, quando nos deparamos com uma família que estava do lado de dentro e, tanto o pai quanto a mãe de uma criança de uma cindo a sete anos de idade o ajudavam

a pular a grade de mais de dois metros de altura. Vemos que desde pequeno esta criança está sendo incitada a quebrar com as regras impostas pela sociedade para saciar seus desejos.

Este materialismo moderno é prejudicial a todos, inclusive as próprias pessoas que o praticam. Na busca desenfreada pela satisfação momentânea de suas paixões, a sociedade não poupa esforços. Observam-se pessoas que, em desrespeito as regras básicas do bem viver, houve música com o volume alto ou mesmo bares, inclusive nas praias que, para chamar fregueses colocam música a todo volume, impedindo que as outras pessoas tenham seus momentos de repouso ou mesmo que busquem alguma forma para melhor se qualificarem.

Um queixa comum é a desqualificação dos professores, dos médicos, dos profissionais que deveriam ser qualificados, ouvimos também falar dos altos preços da consulta dos médicos bons. A sociedade atual deve se questionar como podem os estudantes se dedicarem ao estudo em seu ambiente doméstico nas horas em que dispõem para tal, muitos trabalham durante o dia e vão à escola à noite tendo apenas os finais de semana para o estudo ou mesmo os professores que tem muitas outras atividades fora da sala de aula para poderem cumprir o seu papel de professor diante de uma sociedade ruidosa e barulhenta.

A qualificação fica, então, restrita a um número reduzido de pessoas que tem condições de buscarem locais tranquilos para morarem e, dentre estes, um número ainda menor dos que usam este ambiente tranquilo para se dedicarem ao estudo e trabalho, com isso, poucos são os profissionais bem qualificados. É a lei da procura e da oferta, grande procura e pouca oferta significa preços altos.

Deste modo, percebem-se os efeitos deletérios do materialismo, penetrando na vida das pessoas que nem sequer notam a dominação deste agente invisível, conturbando a mente e os atos. Temos sempre a tendência de colocar a culpa nos outros de erros que nós mesmos cometemos, é muito mais fácil do que assumir os erros e corrigi-los.

Os espíritas se acreditam acima destas coisas, afinal, acreditam na existência de Deus, acreditam em espíritos, acreditam na vida após a morte e na reencarnação. Estamos a um passo da redenção, na reta final. Realmente, pessoas que acreditam no espírito não são materialistas, mas existe o materialismo travestido com o nome de egoísmo, aqueles que pregam uma religião, mas não agem em conformidade com as leis de Deus. Os sofrimentos morais, as dificuldades de relacionamento familiar e

profissional, o desencanto da vida, a esperança perdida e outros tantos desequilíbrios são os frutos deste materialismo que se apodera de nosso ser apesar de, teoricamente, nos acharmos espiritualistas.

No Capítulo 13 d'O Evangelho Segundo o Espiritismo, encontra-se, sob o título de “Muito se pedirá àquele que muito recebeu”, uma parábola de Jesus que diz o seguinte:

*O servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado. - Mas, aquele que não tenha sabido da sua vontade e fizer coisas dignas de castigo menos punido será. Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado. (LUCAS, cap. XII, vv. 47 e 48.)*

As escrituras nos falam acerca destes tempos difíceis, fomos avisados sobre os falsos profetas que apareceriam e que ninguém poderá deter a transformação do planeta.

Qual o papel do espiritismo? Por que tudo é tão lento? Para responder a estas perguntas, recorreremos mais uma vez ao O Livro dos Espíritos:

*799. De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?*

*“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.”*

*800. Não será de temer que o Espiritismo não consiga triunfar da negligência dos homens e do seu apego às coisas materiais?*

*“Conhece bem pouco os homens quem imagine que uma causa qualquer os possa transformar como que por encanto. As idéias só pouco a pouco se modificam, conforme os indivíduos, e preciso é que algumas gerações*

*passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, pois, somente com o tempo, gradual e progressivamente, se pode operar. Para cada geração uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo vem rasgá-lo de alto a baixo. Entretanto, conseguisse ele unicamente corrigir num homem um único defeito que fosse e já o haveria forçado a dar um passo. Ter-lhe-ia feito, só com isso, grande bem, pois esse primeiro passo lhe facilitará os outros.”*

**FIM**